UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

GEOGRAFIA E CARTOGRAFIA DO TURISMO

Iara Sakitani

São Paulo
2006

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

GEOGRAFIA E CARTOGRAFIA DO TURISMO

Iara Sakitani

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, do Departamento Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Marcello Martinelli

São Paulo
2006

A Gabriela, cujo nascimento me motivou a superar as limitações.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Fábio pela paciência e apoio durante todos os momentos, ao Prof. Dr.Marcello Martinelli pela dedicação e compreensão, a minha família que esteve sempre presente, a família Kako, a tia Inez quem sempre me estimulou através das discussões frutíferas, a Priscila e a Rosângela minhas companheiras de viagem, aos professores Rita de Cássia e Reinaldo Machado, aos colegas da USP, a Prefeitura e Câmara Municipal de São Bento do Sapucaí pelo material oferecido para pesquisa e a secretaria do departamento de pós-graduação pelo esclarecimento das dúvidas constantes.

SUMÁRIO

Resumo.....	ii
Abstract.....	iii
Índice das Tabelas.....	iv
Índice de Figuras.....	v
Índice de Mapas.....	vi
Índice	vii
Introdução.....	1
Capítulo 1.....	5
Capítulo 2.....	45
Capítulo 3	57
Considerações Finais.....	90
Referências Bibliográficas.....	91

RESUMO

A cartografia do turismo faz parte do conjunto de representações gráficas que compõem a cartografia temática. O presente estudo, inserido no contexto da cartografia temática, tem como objetivo elaborar uma proposta cartográfica para o turismo. Para a elaboração de tal proposta, foi resgatada a evolução do saber tanto da geografia quanto da cartografia. Tal tarefa possibilitou uma compreensão do papel da cartografia nas representações turísticas. Em um segundo momento, dez mapas turísticos foram analisados, demonstrando-se as várias formas de representação do turismo em mapas, e a acessibilidade desses mapas mundialmente conhecidos. A última etapa da investigação apresenta um estudo de caso do município de São Bento do Sapucaí – SP; há uma caracterização do município explorando os aspectos sociais e naturais relacionados ao turismo. O estudo de caso associado aos fundamentos teóricos-metodológicos apresentados no 1º capítulo da dissertação possibilitou a elaboração de um mapa das unidades de potencial turístico para o município de São Bento do Sapucaí. Tal mapa expressa o raciocínio de síntese elucubrado ao longo do processo investigativo.

Palavras chaves: Geografia, turismo, cartografia, mapa, cartografia temática.

ABSTRACT

The cartography of the tourism is part of the set of graphic representations that compose the thematic cartography. The present study, inserted in the context of the thematic cartography, it has as objective to elaborate a proposal for tourism cartography. For the elaboration of such proposal, the evolution of knowing in such a way of the geography how much of the cartography was rescued. Such task made possible an understanding of the cartography role in the tourist representations. At as a moment, ten tourist maps had been analyzed, demonstrating the some forms of representation of the tourism in maps, and the accessibility of these world-wide known maps. The last stage of the inquiry presents a study of case of the São Bento do Sapucaí - SP city; it has a characterization of the city exploring related the social and natural aspects to the tourism. The study of case associated with beddings theoretical-methodological presented in first chapter of the dissertation made possible the elaboration of a touristic potential units map for the São Bento do Sapucaí city. Such express map the reasoning of synthesis thought throughout the investigative process.

Key words: **Geography, tourism, cartography, map, thematic cartography.**

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Evolução da População de São Bento do Sapucaí (SP) – 1980/2004.....	64
Tabela 2 - Distribuição da População nos Bairros – Município de São Bento do Sapucaí – 2000.....	66
Tabela 3 - São Bento do Sapucaí - Número de Estabelecimentos – 2005.....	68
Tabela 4 - São Bento do Sapucaí - Principais Produtos agrícolas – 2005.....	68
Tabela 5 - Associados da ACISB - Associação Comercial e Industrial de São Bento do Sapucaí – 2005	70
Tabela 6 - Estabelecimentos Voltados ao Turismo – 2005.....	71

Índice de Figuras

Figura 1 - Reconstrução do Globo de Crates 150 A.C.....	7
Figura 2 - Parte da “Tábua de Peutinger” com a cidade de Roma ao centro..	8
Figura 3 - Mapa Geral da América do Sul, 1700.....	10
Figura 4 - Mapa Turístico do Kremlin em Moscou.....	13
Figura 5 - Mapa Turístico da França.....	14
Figura 6 - Mapa Turístico de Paris.....	14
Figura 7 - Os Sistemas de Linguagem.....	28
Figura 8 - Representação Gráfica Transcrição Gráfica das Relações entre os Objetos.....	29
Figura 9 - As Seis Modulações Visuais	30
Figura 10 - Mapa Rodoviário Shell.....	33
Figura 11 - Ciclo de Vida do Produto.....	41
Figura 12 - Símbolos - Guia Michelin – Holanda.....	48
Figura 13 - Croqui de Acesso a São Bento do Sapucaí	59
Figura 14 - APAs Sapucaí – Mirim e Campos do Jordão.....	63
Figura 15 - Município de São Bento do Sapucaí em Perspectiva – 1.....	88
Figura 16 - Município São Bento do Sapucaí em Perspectiva - 2.....	89

Índice de Mapas

Mapa 1 - São Paulo – Centro.....	46
Mapa 2 - Maastricht – Holanda.....	47
Mapa 3 - Região da Bretanha – França.....	49
Mapa 4 - Plan du centre de Villégiature de Tremblant.....	50
Mapa 5 - Santo Antônio do Pinhal – Mapa Turístico.....	51
Mapa 6 - Rio de Janeiro.....	52
Mapa 7 - Roma – Itália.....	53
Mapa 8 - Buenos Aires – Argentina.....	54
Mapa 9 - Disneyland – EUA.....	54
Mapa 10 - Brasil Turístico.....	55
Mapa 11 - Localização do Município de São Bento do Sapucaí – SP.....	61
Mapa 12 - Município de São Bento do Sapucaí – Turismo.....	78
Mapa 13 - Relevo - Município de São Bento do Sapucaí.....	79
Mapa 14 - Município de São Bento do Sapucaí – Uso da terra.....	83
Mapa 15 - Município de São Bento do Sapucaí – Turístico Ilustrativo.....	84
Mapa 16 - Município de São Bento do Sapucaí – Unidades de Potencial Turístico.....	86

Índice

Introdução.....	1
Capítulo 1 - Fundamentos Teóricos e Metodológicos: Geografia e Cartografia	5
1.1 – O Percurso da Cartografia	6
1.2 - A Cartografia e a Evolução do Saber Geográfico	15
1.3. A Cartografia Temática nos Estudos Geográficos.....	27
1.3.1. A Representação Gráfica	28
1.3.2. A Cartografia Temática e o Turismo	31
1.4 Geografia e Turismo em Mapas	35
1.5 A Cartografia do Turismo na Internet.....	43
Capítulo 2 - Os Mapas Turísticos	45
Capítulo 3 – Proposta de Mapa Turístico para o Município de São Bento do Sapucaí – SP	57
3.1. Caracterização do Município.....	57
3.2. A Elaboração de Mapas Turísticos	75
3.2.1. Mapas Temáticos Analíticos	75
3.2.2. Mapa de Síntese	80
3.3. O Território Turístico em Outras Formas de Representação	87
Considerações Finais	90
Referências Bibliográficas	91

Maps break down our inhibitions, stimulate our glands, stir our imagination, loose our tongues. The map speaks across the barrier of language; it is sometimes claimed as the language of geography.

CARL O. SAUER

Introdução

Atualmente, o estudo do turismo desperta o interesse em várias disciplinas como a sociologia, o direito, a economia, o marketing, a ecologia e, sobretudo, a geografia. Esta tem se voltado ao estudo do aspecto espacial do turismo, ou seja, investigando as transformações que ocorrem no espaço provocadas pela prática do turismo.

O presente estudo tem como objetivo a elaboração de uma proposta cartográfica para o turismo, ressaltando os conceitos geográficos na produção de mapas.

As transformações que a prática do turismo produz no território estão relacionadas a dois fatores: o primeiro corresponde aos fluxos de capital e de pessoas gerados pelo turismo, tanto no consumo de bens e serviços como nos investimentos feitos para atrair turistas (construção de hotéis, *resorts*, estradas, aeroportos e outras infra-estruturas necessárias para o desenvolvimento do turismo).

O segundo fator corresponde à prática do turismo como atividade social relevante, dada a importância que o turismo assumiu na sociedade atual do século XXI.

O turismo é uma atividade que envolve vários aspectos da sociedade, principalmente o aspecto econômico, causando impacto direto no território. A prática do turismo, aliada ao discurso sobre o tempo livre e o lazer, tornou-se uma “necessidade”. O século XXI é marcado pela promoção do turismo “para todos”, desde viagens para lugares exóticos como o Tibet até pequenas excursões de fim-de-semana para o litoral acessíveis às classes menos favorecidas “[...] a palavra *turismo* é particularmente polissêmica, evocando ao mesmo tempo uma atividade humana e social, hoje convertida em fundamental, e todo aparelho econômico – igualmente muito importante – que a reajunta”. (KNAFOU, 1996: 63).

No Brasil, segundo dados da Organização Mundial do Turismo (OMT), em 2001, a receita gerada pelo consumo de bens e serviços ligados ao turismo foi de 3,7 milhões de dólares.

Conforme a Conta Satélite de Turismo no Brasil, o total do consumo turístico atingiu, em 1999, o montante de R\$ 51,1 bilhões, o que na época equivalia a 5,3% do PIB do país. (EMBRATUR, 1999: 25).

O turismo está intimamente relacionado ao consumo não só de bens e serviços, mas de espaço, pois os turistas normalmente se deslocam para um destino onde podem desfrutar da paisagem e de serviços do lugar visitado. A paisagem pode, em alguns casos, ser produzida artificialmente para aumentar a demanda turística, criando-se um destino turístico específico. As praias artificiais ou “bolhas”, que reproduzem o clima tropical, criadas na Europa (*Center-Parks*) e Japão, são exemplos de paisagens produzidas artificialmente.

No contexto de transformação e de produção do espaço através da atividade turística a geografia encontra temas para pesquisa.

A geografia do turismo é um ramo da geografia que se dedica ao estudo do aspecto espacial do turismo e seus desdobramentos. Segundo a definição de Cruz: A “*geografia do turismo*.” é uma expressão que se refere à dimensão socioespacial da prática social do turismo [...]”.(CRUZ, 2003).

O espaço geográfico é um componente indispensável para a ocorrência do turismo. Segundo a definição de turismo adotada pela OMT:

Turismo é o fenômeno que ocorre quando um ou mais indivíduos se transladam a um ou mais locais diferentes de sua residência habitual, por um período maior que 24 horas e menor que 180 dias, sem participar dos mercados de trabalho e capital dos locais visitados.¹(OMT, 2003).

O aspecto espacial do turismo no mundo contemporâneo é destacado na obra de Lozato-Giotart : “L’aspect spatial du tourisme est un des caractères fondamentaux

¹ OMT – Organização Mundial do Turismo, com sede em Madri, criada em 1975. Órgão que tem como papel promover o desenvolvimento do turismo. Em 2003, a OMT possuía 141 países filiados.

des besoins de récréation ou de loisir et de leur expression dans le monde contemporain”.² (LOZATO-GIOTART, 1990: 11).

O turismo no mundo contemporâneo não está relacionado apenas ao não-trabalho, mas também ao chamado “turismo de negócios”. O deslocamento no território ocorre em ambos os casos.

As campanhas publicitárias são importantes chamarizes para a prática do turismo, vinculam a imagem de felicidade ao deslocamento para regiões de sol e praia ou montanhas, ou ao charme de lugares exóticos ou históricos. Atrelados às campanhas publicitárias se encontram os mapas turísticos promocionais, que divulgam os mais diversos destinos turísticos.

A relação entre turismo e território se desenvolve através das práticas sociais, pois, o “lugar turístico”³ é apropriado pelo homem através de sua cultura e uso.

O turismo é um tipo de consumo diferente dos outros, pois se realiza em outro local e não visa à satisfação de uma necessidade fundamental do homem: ele não é um dado da natureza ou do Patrimônio Histórico, pois nenhum lugar é “turístico em si”, nenhum sítio “merece ser visitado”, como diz a literatura turística; o turismo é um produto da evolução sociocultural [...] .(BOYER, 2003:16).

Com relação à afirmação “nenhum lugar é turístico em si”, lembramos que os objetos têm seu valor e função atribuídos pela sociedade através dos sentidos e dos valores culturais. Os valores culturais decorrem da ação social. (MENESES, 1996).

A necessidade de localização, tanto para o deslocamento através de estradas, ferrovias, hidrovias ou mesmo aéreo, como para a fruição de um local, torna o mapa um elemento indispensável para o turismo, assim como a necessidade de planejamento para desenvolvimento da atividade turística.

² “O aspecto espacial do turismo é uma das características fundamentais das necessidades de recreação ou de lazer e de suas expressões no mundo contemporâneo”.

³ “corresponde àquela porção do espaço geográfico cuja produção está sendo determinada por uma participação mais significativa do turismo, relativamente a outras atividades”. (CRUZ, 2003:7).

Desta forma, a geografia se faz presente na abordagem desses espaços turísticos, estudando-os, e lançando mão também da sua representação em mapas.

Para a compreensão da cartografia do turismo, optamos inicialmente pela reconstrução da trajetória da cartografia ao longo do tempo. Através dessa trajetória, podemos perceber a importância do estudo dos mapas para a geografia e para a sociedade.

Num segundo momento, realizamos a construção do quadro teórico da cartografia temática e do turismo inserido no contexto da geografia. Tal interdisciplinaridade, aliada à reconstrução da trajetória geográfica/cartográfica, fornece o arcabouço teórico do presente estudo.

O Capítulo 2 traz a análise de diversos mapas turísticos já publicados, mostrando a pluralidade de representações sobre o tema estudado.

No Capítulo 3, apresentamos a proposta de um mapa para o turismo. Para tanto, utilizamos como área-teste o município de São Bento do Sapucaí, no estado de São Paulo.

Para finalizar o estudo, apresentamos algumas outras possibilidades de representação cartográfica para o turismo, como, por exemplo, a representação em perspectiva do terreno.

Capítulo 1 - Fundamentos Teóricos e Metodológicos: Geografia e Cartografia

“Escolher um caminho de método significa levar em conta diversas escalas de manifestação da realidade, de modo a encontrar variáveis explicativas fundamentais”. (SANTOS, 2004).

A fundamentação teórica coerente com o campo da ciência estudada, nesse caso, a geografia, leva à validação de uma pesquisa científica. Na ciência geográfica, podemos notar que a cartografia está integrada aos seus estudos, produzindo mapas mais especializados e desafiantes na medida em que a geografia avança nas suas construções teórico-metodológicas e amplia seu temário de estudo.

Foi justamente essa conquista que possibilitou a pesquisa do turismo e seus mapas, sobretudo no seu aspecto espacial.

No campo da ciência geográfica, temos diversos métodos de pesquisa⁴ aplicáveis, e sua escolha dependerá basicamente do objetivo do estudo e da postura adotada pelo pesquisador em relação ao objeto de pesquisa. A postura aqui adotada remete-se ao método de interpretação que se refere à posição filosófica, ao “arcabouço estrutural sobre o qual repousa qualquer conhecimento científico”. (MORAES; COSTA, 1999: 27).

A multiplicidade de métodos de pesquisa e interpretação em geografia está relacionada ao desenvolvimento da ciência geográfica no decorrer dos tempos.

⁴ “O método de pesquisa refere-se ao conjunto de técnicas utilizadas em determinado estudo. Relaciona-se, assim, mais aos problemas operacionais da pesquisa que a seus fundamentos filosóficos”. (MORAES e COSTA: 1999: 27).

1.1 – O Percurso da Cartografia

A geografia e a cartografia percorreram uma trajetória histórica de aproximações e distanciamentos. A própria palavra “geografia” relaciona-se à descrição ou ao desenho da Terra. Porções da superfície terrestre vêm sendo representadas pelos homens desde os povos primitivos.

Segundo Raisz, a história dos mapas precede a própria história, pois, os povos primitivos já realizavam representações em mapas rudimentares onde desenhavam o terreno conhecido. Os primeiros mapas surgiram a partir da necessidade de comunicação e do conhecimento sobre um determinado terreno. Os exemplos são a carta de Bedolina⁵, as cartas marítimas dos povos primitivos das Ilhas Marshall, ou mesmo o mapa asteca que demonstra as viagens realizadas pela tribo. (RAISZ, 1974; CAPDEVILA SUBIRANA, 2002).

As bases para a cartografia atual foram inicialmente imaginadas pelos gregos, que admitiram a esfericidade da Terra. Calcularam seu tamanho aproximado e construíram as primeiras projeções unindo seus conhecimentos matemáticos/geométricos com os conhecimentos que possuíam sobre o mundo.

Erastóstenes de Cirene (276-196 a.C.) calculou o tamanho da circunferência do planeta com um erro de apenas 14% em relação às medidas atuais. Erastóstenes elaborou também um planisfério do mundo conhecido com sete paralelos e meridianos.

A figura 1 reproduz um globo terrestre de Crates (150 a.C.), que antecipou a existência da América e da Austrália. (RAISZ, 1974).

⁵ Mapa gravado em pedra da Idade do Bronze. Encontrado na cidade de Bedolina (norte da Itália).

Fig. 1 - Reconstrução do Globo de Crates 150 a.C.
Apresenta os continentes de compensação.

Fonte da imagem: <http://www.henry-davis.com/MAPS>

Ptolomeu, que viveu no século II em Alexandria, escreveu uma obra intitulada *Gheographiké Uféghesis*, que passou a ser conhecida como “Geografia de Ptolomeu”. Nessa obra, o autor discute questões relacionadas à forma e à extensão da Terra e também os métodos de elaboração dos planisférios. A obra de Cláudio Ptolomeu vai ser retomada no século XV, na ocasião de sua tradução para o latim com o título de “Cosmografia” e depois “Geografia”. (VALENTIM, 2003).

Para os romanos, a cartografia possuía fins práticos de estratégia militar e localização dos povos, dos caminhos e de distâncias. Os mapas que representavam um itinerário, como a “Tábua de Peutinger” (figura 2), demonstram a visão prática da cartografia na cultura romana para os romanos. Esse mapa, desenhado inicialmente no séc. IV foi copiado durante o séc. XII. O desenho original possuía 6,82 metros e representava o Império Romano, e suas rotas do Ocidente para o Oriente, partindo de Portugal até a Índia, descrevendo também o norte da África e a Grã-Bretanha.

Os mapas sempre responderam às necessidades de seus criadores. No caso da figura 2, a necessidade era de mapear a vastidão do domínio do Império Romano, e suas principais rotas militares entre o Ocidente e o Oriente.

Fig. 2 - Parte da “Tábua de Peutinger” com a cidade de Roma ao centro.

Fonte da imagem: <http://www.livius.org>

Com o início das navegações e a expansão do Cristianismo, as representações cartográficas da Idade Média retomam as bases da cartografia romana, utilizando principalmente mapas como o “Orbis Terrarum”, de forma circular, que representava a Terra de maneira estilizada, utilizando um forte conteúdo cristão imaginário. (RAISZ, 1974).

Os Portulanos surgiram no final do século XII, conferindo à cartografia um caráter prático, já que eram usados para navegação, contrapondo-se aos mapas estilizados e imaginários produzidos na mesma época. Os primeiros Portulanos representavam o mar Mediterrâneo através de um desenho baseado em redes de rumos e escalas gráficas que permitiam a medição das direções e das distâncias a navegar. (GUEDES, 1992).

Aos poucos, esses mapas, que descreviam apenas os mares e porções parciais das costas, foram incorporando novas e mais avançadas rotas e descobertas dos navegadores europeus, tornando-as mais completas.

Com a criação da imprensa no século XV, os mapas, que antes eram copiados a mão, passaram a ser impressos através de moldes de madeira ou de cobre, aumentando sua difusão entre os navegadores, os comerciantes e mesmo os cidadãos comuns.

Entre os séculos XVI e XVII, os holandeses realizaram uma grande produção de mapas da Europa e de todos continentes conhecidos, inclusive da América do Sul, conferindo à cartografia, bases técnicas mais precisas, além de possibilitar a produção e a impressão de mapas com maior rapidez. Durante o século XVI, Gerhard Mercator propôs um sistema de projeção adequado à navegação que foi usado até os dias atuais, incorporando, hoje, os insumos da tecnologia computacional.

A cartografia do Renascimento foi marcada principalmente pelo resgate da obra de Ptolomeu (através da correção e atualização de seus mapas) e pelo aperfeiçoamento das técnicas cartográficas provindas das experiências com as grandes navegações, possibilitando um maior conhecimento do globo terrestre.

O final do século XVII marca o início da era denominada “Reforma da Cartografia”, a qual foi norteadada pelo aumento do grau de cientificidade dos mapas.

Enquanto nos mapas holandeses prevaleciam os acabamentos artísticos e a rapidez na impressão para fins comerciais, na “cartografia reformada”, principalmente na França e na Inglaterra, havia uma preocupação com as elaborações matemáticas para as projeções, além da inclusão de informações precisas sobre as diversas partes do mundo. (RAISZ, 1974).

A figura 3 apresenta um mapa da América do Sul confeccionado pelo geógrafo Nicolas Sanson no ano de 1700. O mapa possui indicação clara dos meridianos e dos paralelos, numa projeção adequada; detalha também a divisão política da América do Sul e sua rede hidrográfica principal. O mapa já não apresenta desenhos fantasiosos sobre a América, baseia-se nos fatos científicos conhecidos. Podemos perceber nesse mapa a preocupação em retratar com precisão a América do Sul, incluindo seus rios e suas divisões territoriais. Mostra assim a característica da “cartografia reformada”, que aos poucos deixa sua representação imaginativa, e parte para uma representação formal e acurada.

Fig. 3 - Mapa Geral da América do Sul, 1700.

In: Atlas Nouveau, contenant toutes les parties du Monde, ou sont exactement remarqués les empires, monarchies, royaumes, estats, republiques & peuples qui sy trouuent à present / par le Sir Sanson Geographe Ordinaire du Roy.

Fonte: <http://bnd.bn.pt/ed/cartografia/index.html> In: A Cartografia do Brasil nas Coleções da Biblioteca Nacional – Portugal

A cartografia desenvolvida no século XVIII utiliza os avanços científicos da época para melhorar a utilidade prática dos mapas, com o aperfeiçoamento dos instrumentos de medição, possibilitando calcular latitudes, longitudes, distâncias, altitudes, e assim elaborar mapas mais precisos.

A Escola Francesa de Cartografia destacou-se nesse período pela preocupação com a exatidão dos mapas elaborados.

Na segunda metade do século XVIII, os países europeus, preocupados com o conhecimento de seus territórios, iniciam os levantamentos topográficos nacionais, executados pelo governo ou exército de cada país. Esse movimento deu início aos serviços geográficos nacionais. (RAISZ, 1974).

O Mapa de Cassini ou *Carte Géométrique de la France*, feito por César François Cassini e seu filho, em 1789, foi o primeiro levantamento topográfico completo do país, composto por 180 folhas baseadas numa rede de triangulação completa, que estabeleceu os princípios da cartografia nacional. Cassini foi o tutor de geografia dos reis Luís XIV e Luís XV (Library of Congress, 2005).⁶

No século XIX⁷, a criação das “sociedades geográficas” foi de suma importância para o avanço da cartografia e também da geografia. Essas sociedades publicavam periódicos, extensas coleções de mapas topográficos e Atlas.

Os levantamentos topográficos eram feitos com precisão, incluindo a utilização do Meridiano já definido internacionalmente, o de Greenwich.

Os avanços tecnológicos que ocorreram no século XIX permitiram que a cartografia se tornasse um instrumento extremamente útil na descrição e no planejamento dos territórios. O reconhecimento dos territórios foi utilizado na exploração das colônias, na melhoria do comércio para além da expansão dos domínios dos Estados Europeus recém-formados.

A crescente sistematização das ciências no século XIX proporcionou o surgimento de um novo tipo de cartografia, a qual adotou como base a cartografia topográfica: a Cartografia Temática. Ela acrescia aos mapas topográficos temas específicos solicitados pelas diversas ciências como: geologia, botânica, meteorologia, demografia, indústria, comércio, enfim, todo o tema científico possível de ser identificado no território. (MARTINELLI, 2003).

A instauração dos métodos científicos, o que sistematizou também a geografia, proporcionou um grande avanço para a cartografia do século XIX. A produção de novos mapas e Atlas favoreceu principalmente o ensino da geografia. (RAISZ, 1974).

Para Lacoste, foi no século XIX que ocorreu a dissociação entre a geografia e a cartografia. Os países tomaram para si a tarefa de produção dos mapas, e os

⁶ Library of Congress: an Illustrated Guide Geography and Maps. Acessado em 18/05/2005. <http://www.loc.gov/rr/geogmap/guide/gmillgen.html>

⁷ Paris 1821, Berlim 1828, Londres 1830 e em 1885 estimavam-se 94 sociedades geográficas no mundo (HARLEY; WOODWARD, 1987).

fundamentos da geografia passaram a ser ensinados nas escolas. (LACOSTE,1997).

A elaboração dos mapas de base tornou-se função do Estado, e os geógrafos começaram a fazer uso da cartografia temática. A partir do final do século XIX, os mapas retratavam temas de interesse de várias disciplinas. Para a geografia, representavam a distribuição dos fenômenos naturais e humanos.

No século XX, a execução dos mapas tornou-se extremamente precisa em função do aprimoramento das técnicas que faziam uso das fotografias aéreas. A fotogrametria foi uma grande contribuição para a elaboração de mapas com planimetria e altimetria a partir de fotografias aéreas.

O avanço das bases metodológicas da cartografia também foi significativo. Nessa época, surgiram correntes cartográficas como a Teoria da Comunicação Cartográfica, a Linguagem da Representação Gráfica, com sua semiologia, as Teorias da Modelização e da Cognição.

A partir de 1950, a informática se coloca à disposição também da cartografia para consistentes avanços.

Nas décadas seguintes, o impacto do avanço tecnológico sobre a cartografia se acentuou. Foram desenvolvidas pesquisas e mapeamentos baseados no uso de sensores, e a informática tornou-se elemento muito presente nas mais variadas pesquisas e na elaboração de mapas.

Na década de 1990, temos o grande avanço no uso de sistemas informatizados na cartografia. São criados os Sistemas de Informação Geográfica, que unem o desenho do mapa ao seu respectivo banco de dados possibilitando uma maior rapidez na criação, na atualização e na finalização de mapas.

A partir de 1995, com a liberação da Internet para uso comercial, criou-se um novo caminho para a divulgação dos mapas.

Atualmente, é possível encontrar mapas de uma grande variedade de temas, para lugares e datas diversos, disponíveis gratuitamente ou à venda na Internet. Os Sistemas de Informação Geográfica foram aperfeiçoados, e hoje se pode trabalhar dados captados por satélites, gerando mapas em segundos e executando-se análises dentro de parâmetros programados.

Hoje é possível obter-se informações de praticamente todos os lugares do mundo através da Internet. O mapa em perspectiva, da figura 04, mostra os pontos de interesse turístico a serem visitados no Kremlin, em Moscou. No período da Guerra Fria, até 1991, era praticamente impossível ter-se esse tipo de informação sobre mapas.

Fig. 4 - Mapa Turístico do Kremlin em Moscou.

Fonte: <http://www.infoservices.com/moscow/map/>

Mapas da França e Paris, respectivamente (mapas 5 e 6). O primeiro mapa corresponde ao país, e no site onde esse mapa está, é possível, ao clicar do mouse sobre o nome da cidade, visualizar-se seu mapa. Esses mapas oferecem ainda a possibilidade de interatividade com o internauta.

Fig. 5 - Mapa Turístico da França

Fonte: <http://www.lonelyplanet.com/mapshells/europe/france/france.htm>

Fig. 6 - Mapa Turístico de Paris

Fonte: <http://www.lonelyplanet.com/mapshells/europe/paris/paris.htm>

No século XXI, a cartografia utiliza vários recursos informatizados, e é acessível a muitas pessoas; porém, para se elaborar um bom mapa, a coerência, o conhecimento e a sensibilidade do cartógrafo são elementos indispensáveis.

1.2 - A Cartografia e a Evolução do Saber Geográfico

Os primeiros registros do conhecimento geográfico foram feitos pelos gregos, que descreviam a superfície terrestre. Da Grécia deriva “geografia”: geo = terra e grafia = descrição ou estudo.

Na Antigüidade, o interesse geográfico estava focado no conhecimento e na descrição terrestre. Esses conhecimentos produzidos na Idade Antiga foram retomados na Idade Média para a produção de uma geografia “prática”, sendo adotada por viajantes, navegadores e mercadores que utilizavam técnicas baseadas na bússola e no astrolábio como instrumentos de cálculo e traçado de rotas terrestres e marítimas.

Tal conhecimento geográfico foi muito útil nas relações mercantilistas dos séculos XVI, XVII e XVIII. Através desse conhecimento, foram realizadas viagens exploratórias, de conquista e de expansão. Foram também produzidos inventários sobre as colônias, aprofundando a sua exploração. (SODRÉ, 1989).

No fim do século XVIII, estavam reunidas as condições históricas necessárias para a sistematização do conhecimento geográfico, o qual até então se ocupava de mapeamentos, inventários e descrições.

Nesse período, todos os continentes já eram conhecidos, ainda que não completamente explorados; a Europa era o centro mundial das navegações e do comércio, e onde estavam localizadas as metrópoles das colônias.

Iniciava-se um processo de avanço das relações capitalistas de produção. (MORAES, 1994).

As técnicas cartográficas e o desenvolvimento da medição precisa permitiam uma representação acurada da localização dos fenômenos, assim como a divulgação desse material, que era feita através da imprensa consolidada no século XIX.

Esses acontecimentos técnicos suportaram o desenvolvimento da reflexão geográfica e sua sistematização.

Com a formação dos Estados Nacionais no século XIX, surgiram as primeiras correntes do pensamento geográfico. O capitalismo iniciava-se, e a idéia de unificação nacional estava presente nas classes dominantes.

Nesse período, Humboldt, com sua formação naturalista e exploradora, entendia a geografia como uma ciência intuitiva que partia da observação e da narração dos fenômenos. Em 1810, ele lançou o “Atlas da Nova Espanha”. A obra era baseada nos relatos de suas viagens e possuía também uma coleção de mapas da América. Para Humboldt, a geografia, como parte da “ciência do cosmos”, era uma espécie de síntese de todos os conhecimentos relativos à Terra. (MORAES, 1994).

Ainda no século XIX, Karl Ritter foi o primeiro professor de geografia, na Universidade de Berlim. Para ele, a geografia também estava pautada na observação e na descrição dos fatos, mas com uma valorização da relação entre o homem e a natureza.

Tanto para Humboldt como para Ritter, a análise empírica e a observação seriam os principais métodos da geografia tradicional.

A preocupação dos estudos de Ritter estava pautada na influência das condições naturais sobre o homem. A essa forma de análise geográfica deu-se o nome de “determinismo”.

Foi com Friedrich Ratzel, geógrafo alemão do último quartel do século XIX, que a geografia moderna ganhou uma importante contribuição para a sua sistematização. (MORAES, 1994).

Ratzel elaborou a “Antropogeografia – Fundamentos da Aplicação da Geografia à História”. Para ele, o objeto da Geografia foi definido como o estudo da influência das condições naturais sobre a humanidade. Ratzel introduziu também o conceito de “espaço vital”, que seria o espaço necessário para o equilíbrio da população e dos recursos baseando-se na teoria malthusiana. (MORAES, 1994).

Propôs estudos sobre a formação dos territórios e a distribuição dos povos na superfície terrestre.

Podemos apontar nos estudos de Ratzel uma preocupação embrionária com o conceito de território, a qual será novamente discutida pelos geógrafos no final do

século XX e início do século XXI. Esse conceito será utilizado também nos estudos da Geografia do Turismo.

Para Ratzel, o território e o solo são praticamente análogos, o autor descreve a importância da análise do território vinculando-o ao Estado nos estudos geográficos.

“Quando se examina o homem, seja individualmente, seja associado na família, na tribo, no Estado, é sempre necessário considerar, junto com o indivíduo ou com o grupo em questão, também uma porção do território.” (MORAES, 1990: 74).

Dos desdobramentos da teoria ratzeliana, surgem a geopolítica e a “escola determinista” da geografia. Segundo Moraes: “a Geografia de Ratzel foi um instrumento poderoso de legitimação dos desígnios expansionistas do Estado Alemão recém-constituído.” (MORAES, 1994: 52).

O método da geografia, para Ratzel, seria, assim como para Ritter e Humboldt, a observação empírica e a descrição, ou seja, o método interpretativo baseado na corrente filosófica positivista baseada no pensamento de Comte.

A Alemanha e a França passavam pelo período das descobertas marítimas, da navegação e das posses de territórios, legitimando assim seu expansionismo. A França do final do século XIX vivia um momento de ascensão da burguesia e de legitimação do seu poder. Das ciências era exigida a neutralidade.

As teorias geográficas produzidas no século XIX sustentavam muitas vezes questões político-ideológicas, como sugere Lacoste ao citar a inspiração nos raciocínios de Karl Haushofer (1869-1946): “A geopolítica hitleriana foi a expressão, a mais exacerbada, da função política e ideológica que pode ter a geografia.” (LACOSTE, 1997: 24).

Santos, no trecho que segue, explicita o papel da geografia nesse período:

Nascida tardiamente como ciência oficial, a geografia teve dificuldades para se desligar, desde o berço, dos grandes interesses. Estes acabaram carregando-a consigo. Uma das grandes metas conceituais da geografia foi justamente, de um lado esconder o papel do Estado bem como das classes, na organização da sociedade e do espaço. A

justificativa da obra colonial foi um outro aspecto do mesmo programa.(SANTOS, 2002: 31).

Apesar da aparência de neutralidade das ciências, a geografia revelou sempre uma tendência diferenciada, justamente por se vincular ao Estado, em que sua função era de efetuar levantamentos topográficos precisos e tomar conhecimento dos territórios.

No final do século XIX, o geógrafo francês Paul Vidal de La Blache trouxe novas contribuições à geografia. Ele fez críticas ao discurso de Ratzel pelo fato de o geógrafo tratar de questões políticas em detrimento do elemento humano e da valorização das condições naturais sobre o homem.

Para La Blache, o objeto da geografia seria o estudo da relação homem-natureza na perspectiva da paisagem, tendo o homem como agente transformador. O conceito de “gênero de vida” é empregado por La Blache para designar o conjunto de técnicas e costumes construídos e perpetuados. (MORAES, 1994).

“Vidal de La Blache acentuou o propósito humano da Geografia, vinculando todos os estudos geográficos à Geografia Humana”. (MORAES, 1994: 72). Esses estudos geográficos seriam sempre voltados à paisagem, e não à sociedade ou as relações sociais.

Os desdobramentos mais importantes da obra de Vidal de La Blache foram a criação da doutrina “possibilista”, e a explicitação do conceito geográfico de “região” como unidade de análise geográfica com uma organização própria. (MORAES, 1994).

O conceito de região proposto por La Blache deu origem à “Geografia Regional”, que consiste no estudo profundo de uma determinada área. A difusão desse conceito criou no final do século XIX uma nova vertente de análise dentro da geografia. Esse método era calcado nas bases positivistas e primava pela descrição local detalhada, incluindo-se a produção de mapas sobre os diversos temas estudados. Através da sobreposição desses mapas se compunha o mapa de síntese para se mostrar a “vida regional”.

As propostas de La Blache formaram as bases da geografia humana. E o conceito de “gênero de vida” por ele proposto tornou-se um dos paradigmas que orientaram a geografia humana moderna. (SANTOS, 2002).

O geógrafo Maximilien Sorre foi um dos principais seguidores da proposta de La Blache. “A geografia de Sorre pode ser entendida como um estudo da Ecologia do Homem”. (MORAES, 1994:80). A “Ecologia Humana” leva em consideração as transformações causadas pelas ações do homem no meio, ou seja, a humanização do meio.

No trabalho de Sorre é possível também perceber a importância da cartografia para os estudos geográficos.

A noção de espaço é, por assim dizer, consubstancial ao geógrafo. Daí uma consequência prática: sua atividade repousa, em primeiro lugar, na utilização de técnicas cartográficas... O geógrafo continua sendo o homem que desenha as cartas, que localiza fenômenos sobre as cartas: em certo sentido, para ele, tudo começa e tudo termina na confecção ou na explicação de um mapa. Correlações entre diversos tipos ou fenômenos são-lhe sugeridas pela comparação de vários mapas. Tira daí suas hipóteses de trabalho. (SORRE, 1957 apud MEGALE, 1984: 140).⁸

No trecho acima, Sorre destaca, com prudência, a importância das técnicas cartográficas nos estudos geográficos, tanto no sentido de localização dos fenômenos como na formulação de hipóteses, num contexto positivista.

A partir da concepção da “Geografia Regional”, os fenômenos humanos passaram a fazer parte das pesquisas desenvolvidas pela geografia, porém, focalizando os resultados das ações humanas, e não o processo pelo qual as ações ocorriam. (MORAES, 1994).

A cartografia esteve muito presente nos estudos realizados pela geografia tradicional, tanto nos relatos dos geógrafos viajantes como Humboldt, como nos

⁸ SORRE, Max. L'espace du géographe et du sociologue. In: _____. **Rencontres de la géographie et de la sociologie**. Paris, M. Rivière, 1957. Cap.III, p.87-114.

estudos regionais propostos por La Blache e seus seguidores, e nos levantamentos topográficos precisos feitos pelos Estados para conhecerem seus territórios.

Podemos notar que os geógrafos fizeram um uso maior dos mapas ditos “temáticos” ou “especializados” a partir do estabelecimento da “Geografia Regional”, localizando e correlacionando os fenômenos estudados, chegando mesmo a dispor de mapas de síntese⁹ para mostrar a organização do espaço geográfico.

A partir dos anos trinta surgem novas propostas na geografia mundial vindas, principalmente, de geógrafos americanos.

Carl Sauer desenvolve a “Geografia Cultural”, uma proposta que muito se aproxima da antropologia.

A “Geografia Cultural”, também chamada de “Escola de Berkeley”, teve em Sauer seu expoente máximo. Para ele, a paisagem como conjunto de formas físicas e culturais associadas ao território tornou-se o conceito fundamental da geografia. (CORREA, 1997).

Sobre o método de pesquisa da “Geografia Cultural”, Sauer advoga o método indutivo, plenamente empiricista, à procura de generalizações. (CORREA, 1997: 266).

Apesar da proposta de estudo ser nova para a geografia até então existente, o método interpretativo continuava baseado na indução e no empirismo.

As idéias de Sauer e de Hartshorne, que trabalharam com os conceitos de “área” e “integração” propondo a análise das inter-relações entre fenômenos, deram fim aos esforços da geografia tradicional, abrindo a perspectiva para uma nova forma de se pensar a geografia. (MORAES, 1994).

Apesar das limitações metodológicas, a geografia tradicional deixou seu legado de conceitos, de trabalhos empíricos exaustivos e de técnicas que se tornaram base para novas discussões a respeito da ciência geográfica.

A utilização da cartografia, na geografia tradicional, não deixou dúvidas sobre a importância dos mapas para as análises geográficas.

Em meados da década de 1950, a geografia tradicional passou por uma crise, em que seus métodos, objeto e fundamentos são questionados e criticados pelos

⁹ O conceito de mapas de síntese apresenta-se no Capítulo 3 – item 3.2.2.

geógrafos descontentes pela falta de um embasamento teórico e metodológico preciso.

O surgimento da crise na geografia tradicional está relacionado ao processo histórico vivido após a II Guerra Mundial: o desenvolvimento do modo de produção capitalista monopolista, a revolução tecnológica, a ação do Estado intervencionista na economia, a urbanização acelerada, a complexa relação entre o local e o global e a criação de novos instrumentos de análise para a geografia, dentre outros fatores que caracterizaram o período pós-guerra.

O movimento de renovação da geografia se consolida na década de 1970, com a proposta de duas grandes linhas de pesquisa: a “Geografia Pragmática” e a “Geografia Crítica”.

Dentro da linha de pesquisa pragmática, os autores propuseram a “Geografia Quantitativa” e a “Geografia da Percepção” ou “Comportamental”. O foco da “Geografia Pragmática” foi a instrumentalização da geografia para seu uso prático.

Para Moraes, a passagem da geografia tradicional para a pragmática ocorreu da seguinte forma:

Passa-se de um conhecimento que levanta informações e legitima a expansão das relações capitalistas, para um saber que orienta esta expansão, fornecendo-lhe opções e orientando as estratégias de alocação do capital no espaço terrestre. (MORAES, 1994: 101).

No trecho acima, o autor se refere à preocupação da “Geografia Pragmática” em servir aos planejamentos, sejam eles estatais ou privados.

A “Geografia Quantitativa” faz uso dos métodos matemáticos, principalmente da estatística, através do desenvolvimento de “Sistemas” e “Modelos” baseados na economia e na teoria de análise de sistemas.

O caráter pragmático da “Geografia Quantitativa” se encontra no fato de esta fornecer instrumentos para elaboração de descrições em profundidade, os quais permitem a escolha de estratégias de ação e de intervenção no território.

A cartografia dessa geografia adotou o tratamento matemático e estatístico dos dados, respeitando novas modalidades de representação em mapas.

Para alguns autores, o uso dos procedimentos matemáticos aplicados à cartografia tornou-se indispensável: “[...] a quantificação aparece como uma implicação impreterível da pesquisa geográfica.” (LIBAULT, 1975: 247).

Para outros autores, no entanto, a “Geografia Quantitativa” não conduz à explicação que satisfaça às necessidades da geografia, conforme exposto no trecho a seguir: “O espaço que a geografia matemática pretende reproduzir não é o espaço das sociedades em movimento, e sim a fotografia de alguns de seus momentos”. (SANTOS, 2002: 75).

A “Geografia da Percepção” ou “Comportamental” se apresentou como outra vertente da “Geografia Quantitativa”, cujo foco de abordagem está na relação perceptiva do homem para com o meio.

A cartografia também traz estudos relacionados à percepção dos indivíduos, explorando a construção de mapas mentais. Peter Gould é um dos teóricos dessa área.

A respeito da “Geografia da Percepção”, Santos coloca: “No final de contas permanece-se com a idéia de que a percepção diria respeito apenas ao sujeito e não mais ao objeto [...]” (SANTOS, 2002: 96).

Sob esse ponto de vista, a “Geografia da Percepção” não abarcaria o movimento da sociedade na sua totalidade.

A outra vertente criada pelo movimento de renovação do pensamento geográfico foi a “Geografia Crítica”. Ela também apresenta uma ruptura com o pensamento geográfico até então constituído, seja ele tradicional ou pragmático.

A resposta dos “geógrafos críticos” ao pensamento até então instaurado foi a crítica ao positivismo clássico como forma de apreensão dos fenômenos geográficos. Os “geógrafos críticos”, desde meados da década de 1970 até hoje, elaboram propostas teóricas e metodológicas visando o desenvolvimento de uma geografia desmistificadora da realidade social e que ao mesmo tempo possa ser usada como instrumento de transformação social. (MORAES, 1994).

Vários autores, geógrafos e não geógrafos, contribuíram para a construção do pensamento crítico geográfico. Entre eles se destacam os trabalhos de: Yves

Lacoste, David Harvey, Milton Santos, Pierre George, Manuel Castells, Henry Lefebvre, Michel Foucault, dentre outros.

A principal obra de Lacoste (um dos principais expoentes da “Geografia Crítica”) publicada em 1977, *Geografia serve, antes de mais nada, para fazer a guerra*, trata do papel da geografia, colocando-a como uma ciência dividida em duas grandes partes: a primeira seria a “Geografia dos Estados Maiores”, uma ciência que conhece e domina estrategicamente o território, e usa esse conhecimento para garantir seu *status quo*, ou seja, a dominação de classe. Essa ciência possui um potencial prático e ideológico, além de produzir mapas.

A outra geografia seria a “Geografia dos Professores”: um conhecimento sem muito valor, ensinado nas escolas. Lacoste esclarece:

A geografia dos professores funciona, até certo ponto, como uma tela de fumaça que permite dissimular, aos olhos de todos, a eficácia das estratégias políticas, militares, mas também estratégias econômicas e sociais que a outra geografia permite a alguns elaborar. (LACOSTE, 33: 1997).

A “Geografia dos Professores” é uma forma de discurso ideológico da geografia. É através desse discurso que as análises espaciais – importante instrumento de poder – são dissimuladas aos olhos da maioria das pessoas, inclusive dos geógrafos.

Lacoste destaca a função social e científica do geógrafo, reforçando a idéia de “saber pensar o espaço terrestre”. Para o autor, a função do geógrafo transcende a atividade de professor, sem desmerecê-la. (LACOSTE, 1997).

A cartografia assume um papel relevante no discurso de Lacoste. Para ele, a carta é a forma de representação geográfica por excelência, é através dela que o espaço é conhecido e dominado estrategicamente. (LACOSTE, 1997).

Além de Lacoste, o geógrafo Pierre George influenciou a produção do pensamento crítico da geografia. Ele introduziu a história e a economia como novos elementos de análise regional, conciliando alguns conceitos marxistas com a metodologia da análise regional. Em seu livro *Geografia Ativa*, Pierre George mostra

as contradições do modo de produção capitalista existentes nas diferentes regiões por ele estudadas. (MORAES, 1994).

A introdução dos conceitos do materialismo histórico e dialético nos estudos geográficos representou um avanço da postura metodológica até então utilizada. Apesar da manutenção da tônica descritiva tradicional nos estudos regionais, a geografia avançou em relação a sua produção anterior.

Mas, foram autores como A. Lipietz quem trouxeram para a discussão crítica a abordagem focada no entendimento do papel da lógica do capitalismo na apropriação e ordenação dos lugares. (MORAES, 1994).

Dentro da perspectiva global e crítica da geografia temos a obra de Milton Santos iniciada por volta da década de 1970. Em seu livro *Por uma Geografia Nova* ele apresenta uma avaliação crítica do pensamento geográfico até então produzido. Em seguida, Milton Santos expõe a concepção do objeto geográfico e apresenta instrumentos de trabalho para o geógrafo que empreende o estudo do espaço geográfico.

Em seus diversos livros e artigos publicados, Santos apresenta o aperfeiçoamento da sua proposta metodológica de análise do espaço geográfico.

Para Moraes, a proposta de Milton Santos é uma das mais amplas e acabadas da geografia. (MORAES, 1994).

O espaço é traduzido por Milton Santos como um “conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações”. Segundo o autor, esses sistemas de objetos e ações interagem criando um espaço dinâmico, e para que esse espaço seja estudado se faz necessária a compreensão dos processos que o engendram. (SANTOS, 1997: 52).

No livro *O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI*, Santos e Silveira apresentam de forma empírica sua proposta. Partindo do conceito de “território usado” como sinônimo de “espaço geográfico”. O autor utiliza a categoria “território usado” para analisar sistematicamente a constituição do território brasileiro, não deixando de lado a importância da periodização¹⁰. O enfoque do estudo foi no

¹⁰ “Essa noção de periodização é fundamental, porque nos permite definir e redefinir os conceitos e ao mesmo tempo, autoriza a empirização do tempo e do espaço, em conjunto”.(SANTOS: 1996: 83)

período atual, ou seja, o período técnico-científico informacional. (SANTOS, 2004: 20).

Nos estudos de “Geografia do Turismo”, a categoria “território usado” parece ser a mais adequada na compreensão espacial desse fenômeno social na atualidade. Pois diferindo do termo “espaço” apresenta uma definição clara e precisa.

Durante o período inicial de renovação crítica da geografia, a cartografia ficou preterida, como podemos notar na colocação de Santos: “Há uma defasagem secular entre os fenômenos sobre os quais os geógrafos trabalham atualmente para explicar uma situação dada e os mapas que lhes são impostos”. (SANTOS, 1996: 48)¹¹.

A cartografia foi vista por alguns geógrafos críticos como uma forma obsoleta de representar a realidade estudada e que, portanto, necessitava, assim como a geografia, de uma renovação teórico-metodológica.

Com relação à tentativa de produção de uma nova cartografia, Santos cita os Atlas Regionais produzidos na França no final da década de 1970, e faz o seguinte comentário:

Essa nova cartografia testemunha a dificuldade para encontrar soluções adequadas aos problemas de representação que se colocam, mas ao mesmo tempo estimula a imaginação e abre um novo caminho graças à elaboração de mapas parciais, representativos de problemas simples ou complexos suscetíveis de explicitar, conjuntamente, é verdade, mas com clareza e exatidão. (SANTOS, 1996: 48),

Concomitantemente ao desenvolvimento da “Geografia Crítica”, houve uma busca por teorias cartográficas que fizessem jus à representação dos problemas estudados pelos “geógrafos críticos”.

A longa trajetória percorrida pelo pensamento geográfico levou a geografia ao seu atual estágio de desenvolvimento e maturidade, oferecendo aos pesquisadores

¹¹ O Trabalho do Geógrafo no Terceiro Mundo. 4ª ed.

inúmeras opções teórico-metodológicas. Cabe ao pesquisador escolher qual a opção mais adequada ao seu estudo.

Nesse contexto abre-se um leque de possibilidades também para a cartografia. Em épocas relativamente recentes, no percurso histórico da ciência cartográfica, podemos contar com a representação gráfica como linguagem dos mapas e a visualização cartográfica, que oferecem soluções aplicáveis para o setor da cartografia do turismo, nosso tema de estudo.

1.3. A Cartografia Temática nos Estudos Geográficos

A associação entre “mapa” e “geografia” é sempre imediata, tanto que é muito comum, ao se falar em geografia, utilizar um mapa como símbolo dessa ciência.

A tarefa de executar o registro do território em mapas foi pertinente à geografia até o século XIX. Após esse período, a ciência geográfica foi sistematizada e passou a produzir seu próprio discurso, interessando-se também pelas relações entre os homens no contexto social e com a natureza, estudando essas interações do ponto de vista geográfico.

Os mapas continuaram a fazer parte dos estudos geográficos, porém ganhando um novo enfoque: o temático. Essa nova visão da cartografia resultou do desdobramento do saber e da respectiva sistematização dos diferentes ramos de estudos científicos. Ela foi denominada “cartografia temática”. (MARTINELLI, 2003a).

“A cartografia temática não surge de forma espontânea; é historicamente sucessiva à visão topográfica do mundo, essencialmente analógica”. O acréscimo de temas aos mapas topográficos criou uma variedade de mapas dentro da cartografia, respondendo às necessidades dos diferentes ramos de estudos científicos. (MARTINELLI, 2003a).

Os mapas temáticos passaram a explorar mais as propriedades “conhecidas” dos objetos, em lugar de apenas vislumbrar as propriedades “vistas”, ou seja, passou-se gradativamente de um código analógico para um código mais abstrato, no qual as categorias representadas são mentalmente organizadas. A tomada de postura metodológica na cartografia temática conduz o raciocínio empreendido pelo autor do mapa diante da realidade, desembocando na realização do mesmo. (MARTINELLI, 2003a).

Devemos ressaltar que o mapa temático é um meio de pesquisa, de registro e de comunicação visual dos resultados da pesquisa científica, e um meio de comunicação visual; a construção do mapa deve obedecer às regras de sua linguagem: a linguagem da representação gráfica.

1.3.1. A Representação Gráfica

A representação gráfica faz parte do conjunto de sinais que os homens criaram para se comunicarem entre si. É uma linguagem destinada à percepção visual, e distingue-se das outras formas de comunicação visual como a pintura, a fotografia, a publicidade, o grafismo, em que a imagem pode ser figurativa ou abstrata, portanto, polissêmica, possuindo e sugerindo vários significados. Ao contrário, a representação gráfica se apóia no sistema semiológico monossêmico, ou seja, de significado único. Deve ser uma construção que possibilite ser apreendida num mínimo instante de percepção. (MARTINELLI, 2003a).

Há diferenças entre os sistemas de linguagens construídos pelo homem, como o caso da diferença entre a percepção visual e a auditiva. A representação gráfica, assim como a matemática, faz parte dos sistemas semiológicos monossêmicos, diferenciando-se somente na forma da percepção.

Fig. 7 – OS SISTEMAS DE LINGUAGEM

Signification attribuée aux signes	Système de perception

pensémique	MUSIQUE	IMAGE NON- FIGURATIVE
polysémique	VERBE	IMAGE FIGURATIVE
monosémique	MATHEMATIQUE	GRAPHIQUE

Place de la Graphique
dans les systèmes de signes fondamentaux

(BERTIN, 1967)

Cabe à representação gráfica ter, como principal tarefa, a transcrição das relações fundamentais entre os objetos e, para tanto, pode dispensar

completamente as convenções pré-estabelecidas. Com essa proposta, passa-se a acionar as operações mentais lógicas para a compreensão das representações e resgatar o conteúdo da informação nelas seladas.

As relações fundamentais entre objetos a serem transcritas pela representação gráfica são: diversidade ($\neq$), ordem (O) e proporcionalidade (Q). Essas relações são transcritas graficamente por meio de relações visuais da mesma natureza.

Fig. 8 – Representação Gráfica
Transcrição Gráfica das Relações entre os Objetos

RELAÇÕES ENTRE OBJETOS			CONCEITOS	TRANSCRIÇÃO GRÁFICA
CADERNO	LÁPIS	BORRACHA	$\neq$	▲ ● +
MEDALHA DE OURO	MEDALHA DE PRATA	MEDALHA DE BRONZE	O	● ◐ ⊙
1 kg DE ARROZ	4 kg DE ARROZ	16 kg DE ARROZ	Q	■ ■■ ■■■

RELAÇÕES
ENTRE
OBJETOS

(MARTINELLI, 2003 a)

A visualização da representação gráfica ocorre através da utilização das variáveis visuais que são constituídas pelas duas dimensões do plano (X e Y) mais seis modulações visuais possíveis que cada elemento do plano possa assumir. (MARTINELLI, 2003b).

As modulações visuais podem ser de: tamanho, valor, granulação, cor, orientação e forma (fig. 9).

As variáveis visuais mais as duas dimensões do plano possuem as seguintes propriedades perceptivas: dissociativa ($\#$); associativa ($\equiv$); seletiva ($\neq$); ordenada (O); e quantitativa (Q).

Fig. 9 – As Seis Modulações Visuais

Tamanho		Pequeno, médio, grande com proporção
Valor		Claro, médio, escuro
Granulação		Textura fina, média, grossa
Cor		Vermelho, amarelo, verde
Orientação		Horizontal, vertical, oblíqua
Forma		Retângulo, círculo, polígono estrelado

(MARTINELLI, 2003 b)

A elaboração de um sistema gráfico de signos aplicável à cartografia depende da observância das leis acima dispostas, que convergem para a criação de uma linguagem gráfico-visual para a comunicação da relação entre os elementos representados.

Sendo assim, a representação gráfica nos fornece a base teórico-metodológica para a criação de mapas temáticos, que conjuguem o raciocínio analítico ou de síntese a respeito de um território, revelando suas especificidades. E ao mesmo tempo mostra, através da teoria da comunicação, como desenvolver uma forma eficaz de comunicação gráfico-visual através do mapa.

1.3.2. A Cartografia Temática e o Turismo

Compreendendo o turismo como um fenômeno ou prática social, podemos dizer que sua representação em mapa é possível, pois sua característica fundamental é a sua concretização no território. Portanto, a cartografia do turismo se torna possível a partir do momento em que a prática do turismo se concretiza no território.

Do ponto de vista da geografia, a cartografia não se resume a uma mera técnica. Ela vai além:

Cartografia é a ciência da representação e do estudo da distribuição espacial dos fenômenos naturais e sociais, suas relações e suas transformações ao longo do tempo, por meio de representações cartográficas – modelos icônicos – que reproduzem este ou aquele aspecto da realidade de forma gráfica e generalizada. (MARTINELLI, 1991: 35).

No texto acima, a cartografia é definida como uma ciência que representa os fenômenos sociais e/ou naturais através de representações gráficas. A representação do território e dos fenômenos que nele ocorrem está vinculada à forma como a sociedade os percebe. Portanto, podemos ter tantos tipos de representações para um mesmo fenômeno, quanto forem os diferentes ângulos de visão sobre ele.

Assim, surgem os mais variados tipos de representações cartográficas sobre o fenômeno do turismo. Por exemplo, os mapas de roteiros turísticos, guias de férias, guias de estradas e hotéis, festas, ou como mapas técnicos ou informativos, sendo dotados para tanto de uma expressão mais livre e artística.

Entendemos que a cartografia do turismo ainda não atingiu sua completa sistematização. Deverá persistir muita conjunção de esforços entre os estudiosos desse setor de pesquisa geográfica com o fim de dinamizar tal forma de comunicação em prol do esclarecimento da sociedade sobre o turismo. A cartografia do território usado pelo turismo pode ser vista como um ramo especializado da cartografia temática, mesmo que ainda não tenha sido sistematizada, diferentemente de alguns ramos da cartografia temática que já possuem uma certa sistematização, como as

representações feitas para geologia, geomorfologia, climatologia e outras disciplinas. (MARTINELLI, 1996: 302).

Os mapas temáticos são produzidos por diversos especialistas em atendimento às diferentes disciplinas científicas, como a geomorfologia, a geologia, a meteorologia, a biologia, a agronomia, a demografia, entre outras. Para tais estudos, as diferentes representações espaciais devem ser consideradas conjuntamente, como explica Lacoste:

[...] a ação, seja ela do tipo econômico ou militar, por exemplo, não se aplica, na realidade, sobre um espaço abstrato cuja diferenciação resulta da análise de uma só disciplina, mas sobre um território concreto cuja diversidade e complexidade só podem ser extraídas por uma visão global, articulando os pontos de vista, as maneiras de ver de numerosas disciplinas científicas. O espaço real onde se leva a ação não é somente o dos topógrafos, ou dos geólogos, ou o dos demógrafos, etc., ele é concreto, entrecruzamento de todas essas maneiras especializadas e parciais de ver o espaço terrestre. (LACOSTE, 1988: 5)

No estudo do turismo, o entrecruzamento dos saberes científicos amplia a compreensão do fenômeno. Para o mapeamento de um território turístico, os fatores sociais e naturais devem ser levados em conta conjuntamente, pois o uso do território para o turismo pressupõe tanto as atividades realizadas pelo homem em sociedade como o uso dos recursos naturais pela sociedade.

A cartografia promocional¹², sobretudo aquela voltada ao turismo de automóvel, pode ser considerada a etapa inicial da criação de mapas turísticos voltados ao público em geral. Os mapas rodoviários foram criados para incentivar o hábito de viajar utilizando as rodovias, promovendo assim o uso do automóvel e das estradas de rodagem.

Nos EUA, no final dos anos 1920, as companhias de petróleo, os clubes do automóvel e os governos estaduais fizeram uma farta distribuição gratuita de mapas rodoviários. Como sua ação de marketing. Só no ano de 1934 as companhias de petróleo distribuíram cerca de 70 milhões de mapas rodoviários. Aproximadamente

¹² Mapas utilizados para vender mercadorias. (AKERMAN, 2002)

meio bilhão de mapas rodoviários foram publicados durante 1950 e 1960. (AKERMAN, 2002)

A figura 10 mostra a capa de um mapa rodoviário do estado da Indiana nos EUA, da Companhia de Petróleo Shell, publicado em 1928.

Fig. 10 – Mapa Rodoviário Shell

Fonte: <http://www.chem.sunysb.edu/lauher/roadmaps/> Shell, 1928.

Os mapas distribuídos pelas companhias de petróleo e pelo governo traziam informações não somente das estradas, posicionavam também pontos de interesse turístico, postos de gasolina e o ingresso às cidades. A partir do final da década de 1970, os mapas rodoviários começaram a ser produzidos e distribuídos em menores quantidades; era o início de uma crise causada pelo excesso de automóveis. (AKERMAN, 2002).

Os mapas rodoviários gratuitos foram substituídos por guias rodoviários completos e guias turísticos, comprados pelos usuários em bancas de jornal. Essas ações popularizaram o uso dos mapas rodoviários e turísticos.

O estudo dos mapas turísticos não é um tema recente nas pesquisas da cartografia. Apesar de poucos autores terem tratado desse assunto, podemos encontrar referência aos mapas turísticos já na década de 1960, como, por exemplo,

no artigo de GLEY, cujo título era “Mapas Turísticos”, e tratava da produção de mapas para excursionistas. (GLEY, 1962).

Na década de 1970, o geógrafo e cartógrafo André Libault mostrou a cartografia do turismo como um campo de pesquisa da geografia: “As próprias cartas turísticas já constituem um domínio particular que pode representar um novo campo de pesquisa para os cartógrafos”. Apesar da afirmação ter sido feita nos anos de 1970, o avanço da cartografia do turismo, como ramo de estudo dentro da ciência geográfica, foi tímido, aparecendo somente em congressos, encontros e seminários como “Comunicações”. A partir do ano 2000, alguns trabalhos de formação superior versaram sobre o assunto, dentre estes alguns enfocando os aspectos pictóricos, analisando mapas turísticos existentes ou propondo metodologias para confecção de mapas turísticos através da utilização da geotecnologia. (LIBAULT, 1975: 220).

1.4 Geografia e Turismo em Mapas

A maioria dos autores consultados considera o turismo como atividade social existente desde o século XVIII. Essa atividade teve início através da prática do *grand-tour*.¹³ Nesse período, era a aristocracia quem possuía os dois fatores indispensáveis para prática do turismo: tempo livre e recursos financeiros.

Segundo Rodrigues, o turismo como fenômeno social significativo firma-se no século seguinte (século XIX). Tal fato aconteceu por conta do aumento do número de pessoas que praticavam turismo e pela diversificação dos tipos de práticas turísticas. O turismo de massa¹⁴ surge neste contexto. (RODRIGUES, 1985).

Entre os fatores que contribuem para a expansão do turismo destacam-se: a diminuição da jornada de trabalho e a criação do descanso remunerado, dentre outras melhorias conjunturais. Essa conjuntura dependia dos meios de comunicação, de transporte, de hospedagem, do tempo livre e das condições econômicas.

A partir do século XX, os meios de comunicação exerceram, e ainda exercem, uma grande influência na prática do turismo, principalmente na divulgação de destinos turísticos.

Com a popularização do cinema e da televisão, alguns destinos turísticos foram colocados em evidência. Eram os destinos freqüentados por artistas, políticos, membros da nobreza ou outras pessoas da elite social, principalmente dos EUA ou da Europa, como, por exemplo, as localidades ao Sul da França.

Não só os meios de comunicação influenciaram a popularização do turismo, como também a melhoria e a invenção dos meios de transporte como o ferroviário, o aéreo ou o rodoviário. O surgimento dos automóveis populares de passeio, influenciou decisivamente na expansão da prática do turismo, sobretudo na Europa.

¹³ “O jovem aristocrata inglês fazia uma viagem ao Continente (a Europa do Oeste, com Roma como primeiro destino) que durava de seis meses a dois anos, freqüentemente com um preceptor e com obras de referências. Então, ele voltava sendo um *gentleman*.”. (BOYER, 2003: 22).

¹⁴ “Turismo de massa” pode ser compreendido como um modelo de apropriação ou exploração das atividades turísticas que comportam grandes variantes culturais e é dependente de uma conjuntura social e econômica. (BOYER, 2003).

Já em meados do século XX, a criação de redes de hotéis, *campings* e albergues¹⁵, alguns vinculados ao governo dos países, tornou a hospedagem mais acessível aos turistas. Esse fator associa-se à criação do discurso da necessidade do lazer programado, das férias em lugares distantes do cotidiano.

Do ponto de vista geográfico, existem duas principais formas de compreensão dos processos que engendram o território turístico: a primeira é centrada na observação da paisagem e na percepção do indivíduo. A observação da paisagem pelo sujeito leva em consideração os sentidos humanos (visão, tato, olfato, audição e degustação), a história de vida, o imaginário individual e coletivo, as conotações culturais e a ideologia. A segunda abordagem está centrada no espaço.

N o estudo da prática social do turismo, a paisagem é um elemento-chave: “para a geografia cultural, a paisagem sempre representou a expressão material do sentido que a sociedade dá ao meio”. (LUCHIARI, 2001:15) Visto por esse ângulo, a paisagem na prática do turismo possui o significado que lhe é dado através do sentido humano. “A paisagem turística só existe em relação à sociedade”. (LUCHIARI, 1998: 22).

O estudo da paisagem é uma das correntes de pesquisa mais difundidas nas investigações / pesquisas da “Geografia do Turismo”. A percepção da paisagem conduz o observador/turista à criação da imagem turística. (CRUZ, 1995).

A imagem turística do lugar é produzida geralmente com ajuda da publicidade, dos folhetos, dos mapas e de outros informes publicitários. A abordagem centrada no sujeito recorre à psicologia e à antropologia social para buscar a compreensão dos processos que produzem o espaço turístico e a imagem turística.

Essa abordagem é “centrada no sujeito, tendo em vista que às suas atitudes e valores correspondem a criação, reformulação e exploração do espaço turístico.” (RODRIGUES, 1992: 75).

A abordagem comportamental em conjunto com o estudo da paisagem subsidia várias pesquisas relacionadas ao turismo e lazer. A “Geografia da

¹⁵ 1929 abertura em Bierville, França, do primeiro Albergue da Juventude.

Percepção” explora, entre outros assuntos, o aspecto psicológico da relação do homem com o meio.

São muito interessantes as contribuições da Sociologia e da Psicologia que investigam a percepção e o imaginário que se expressam no comportamento ambiental. Por isso, multiplicam-se estudos sobre a imagem turística e o comportamento ambiental. (RODRIGUES, 2001: 26).

Sob esse ponto de vista, o mapa perde seu sentido geográfico, seu formalismo e seu compromisso com a representação do espaço terrestre, torna-se uma peça publicitária que explora o imaginário dos indivíduos, ou seja, o que é esperado de um destino turístico.

Para Lacoste, a representação das paisagens através da publicidade também se tornou uma forma de discurso ideológico alienante e massificado. A ideologia do turismo aparece como uma das formas de consumo de massa que estimula a busca das paisagens representadas pela publicidade. O mapa aparece nesse processo de consumo como uma mera fotografia da paisagem que privilegia o interesse de quem “vende” o espaço: “Uma carta! Isso serve para quê? É uma imagem para agência de turismo ou um traçado do itinerário das próximas férias”. (LACOSTE, 1997: 35).

Para a publicidade, o mapa tem uma função meramente ilustrativa, de convencimento e de venda de um território turístico, diferentemente da função do mapa atribuída pela cartografia, cuja principal função é a localização dos fenômenos, vislumbrando uma representação da relação que existe entre eles, em direção ao objetivo de criar uma imagem capaz de revelar o conteúdo da informação selado nos dados que foram utilizados.

Uma outra forma de compreensão dos processos que engendram o território turístico é através da abordagem centrada no espaço geográfico ¹⁶ e na sua transformação em território turístico.

A interação entre as formas de abordagem do território usado pelo turismo ao ser privilegiada em detrimento à rigidez teórico-metodológica amplia os horizontes de entendimento dos processos que modelam o território turístico.

¹⁶ Nesse estudo é entendido como sinônimo de “território”, conforme proposta de SANTOS; SILVEIRA, vide p. 25.

Para uma abordagem centrada no território, parte-se da definição de “espaço geográfico” entendido como sinônimo de “território”, como foi proposta por Santos. Este autor o define como um conjunto indissociável entre sistemas de objetos e sistemas de ações. Esses sistemas de objetos e de ações estão reunidos numa lógica, que é ao mesmo tempo a lógica da história passada e a lógica da atualidade. Compreender o espaço é, portanto, compreender a sua lógica. (SANTOS, 1994, 1997).

A criação dos objetos, assim como seus usos, partem da sociedade, das ações realizadas pelo homem. As ações criam e dão novos significados e usos aos objetos, sejam eles naturais ou artificiais, já existentes ou novos. Os objetos, por outro lado, condicionam as formas de promover as ações. Por esse motivo, o conjunto de elementos que compõem o espaço geográfico não pode ser estudado isoladamente.

É nesse movimento dialético de criação e de uso dos objetos que ocorre a transformação do espaço geográfico, motivando sua dinâmica.

O espaço cristaliza momentos do passado nos objetos; estes, por sua vez, são transformados, ou adquirem novas funções na atualidade. No caso do turismo, formas antigas, como as paisagens das fazendas de café do Vale do Paraíba, adquirem uma nova função, que é o turismo rural.¹⁷

A prática do turismo atribui novos usos aos objetos já existentes, como também a transformação de uma área de pastagem em área de *camping*.

Enquanto os turistas executam uma atividade desprendida do seu cotidiano e da sua habitualidade, o morador das localidades turísticas tem suas ações territorializadas, pois estas não se dissociam dos demais espaços contíguos vivenciados cotidianamente. O morador desenvolve uma relação de pertença com o espaço vivido. (MENESES, 1996).

¹⁷ Esse exemplo não pretende simplificar o estudo do espaço geográfico, apenas ilustra uma nova função para um dado objeto. Para adquirir essa nova função, foi necessária uma conjuntura de objetos e ações durante um período de tempo até a atualidade que permitiu esse novo uso do objeto.

Nessa relação entre o espaço vivido e o espaço apropriado, o turista tem apenas um envolvimento passageiro com o destino turístico, motivo que leva muitas vezes ao conflito entre habitantes locais e turistas.

O processo de apropriação do espaço geográfico pela prática social do turismo cria o território turístico. Essa é a forma de participação do turismo na produção e na transformação território. (CRUZ, 2003).

A relação entre turismo e território é destacada por Knafou. Para esse autor, a relação entre o turismo e o território pode ocorrer de três formas. A primeira se dá nos territórios sem turismo: territórios onde não existe a prática do turismo. A segunda forma é o turismo sem território; o turismo nesses casos é reduzido a uma atividade econômica, criadora de empregos e lucrativa, resultante de iniciativas públicas e privadas que colocam estrategicamente um “produto” no mercado, “completamente indiferente à região que o acolhe”. A terceira e última forma apontada pelo autor são os territórios turísticos, “territórios inventados e produzidos pelos turistas” e posteriormente “retomados pelos operadores turísticos e pelos planejadores”. (KNAFOU, 1996: 72, 73).

Podemos dizer então que a relação entre turismo e território é mediada pela presença do turista.

Rodrigues propõe a divisão do território turístico da seguinte forma:

- Os espaços de vocação turística¹⁸ – os grandes espaços ditos naturais com belas paisagens. Por exemplo, os parques nacionais, as praias e os nichos ecológicos. Esse táxon corresponde aos territórios turísticos na proposta de Knafou. (KNAFOU, 1996).

- Os espaços produzidos pelo turismo para o turismo – são criados pelo homem a fim de capitalizar determinadas porções do território. Por exemplo, Las Vegas e Disneylândia. Na proposta de Knafou, esses espaços seriam a prática do turismo sem território. (RODRIGUES, 1992: 73).

¹⁸ Voltando à noção de criação cultural do turismo, a palavra “vocação” deve ser contextualizada, pois as paisagens eleitas como turísticas na atualidade obedecem à construção histórica da estética e da percepção. Portanto, o conceito de paisagem “turística”, assim como o conceito de “vocação turística”, pressupõe uma contextualização geográfica e histórico-social.

Os espaços artificiais se tornam cada vez mais “autênticos” na medida em que a tecnologia e o capital são aplicados em sua formatação. Por exemplo, a rua réplica de New Orleans na *Disneyland*. Ou mesmo o *Marine World – África* nos EUA, que faz uma miscelânea de ambientações aquáticas e terrestres, entre elas a savana africana e aquários gigantes. São exemplos de ações desterritorializadas e que ao mesmo tempo acabam exigindo mapas que orientam sua fruição.

O impacto espacial da prática do turismo ocorre principalmente nos pólos emissores e receptores, como demonstra Rodrigues. Para a autora, o fenômeno do turismo é composto por uma tríplice faceta, conforme representado no esquema abaixo (RODRIGUES, 1985):

A dinâmica de construção do espaço turístico ocorre através da interação desses três elementos. Os espaços de deslocamento¹⁹, que se situam entre os pólos emissores e receptores, são apontados por Cruz como essenciais na prática social do turismo, pois esses guardam a especificidade mais importante do turismo: o fato de o turista precisar se deslocar até o local onde se dá o seu consumo. (CRUZ, 2003).

Sobre a formação dos territórios turísticos, Knafo aponta as três maiores fontes de turistificação dos espaços turísticos:

- ✓ Os próprios turistas que elegem determinados lugares para a prática do turismo. Com o passar do tempo, esses lugares tornam-se turísticos. Podemos dizer que esses seriam os espaços de vocação turística.
- ✓ Os agentes de mercado que criam e colocam produtos turísticos nos espaços. Seriam os espaços produzidos para o turismo.

¹⁹ Espaços compostos por estradas e terminais de passageiros, muitas vezes as rodovias também se tornam turísticas.

- ✓ Os planejadores e promotores territoriais que produzem iniciativas locais, regionais ou nacionais ligadas a um lugar específico “eleito” por eles. Seria a junção de um espaço de vocação turística com um espaço produzido para o turismo. (KNAFOU, 1996: 69).

Tanto Rodrigues como Knafou apontam a forma artificializada ou capitalizada de criação dos espaços turísticos, mas não deixam de lado o papel do turista que, sobretudo possui o poder da escolha, certamente atrelada aos aspectos culturais da pessoa.

Os territórios turísticos teriam um ciclo de vida. Pode ser comparado traçando-se um paralelo com a teoria de ciclo de vida de um produto²⁰, que obedece a quatro fases: introdução, crescimento, maturidade e declínio. Essas fases estão relacionadas a vários fatores como moda, tempo, vendas e lucros. Assim como outros produtos existentes no mercado, o destino turístico também pode ser analisado sob o ponto de vista estritamente mercadológico. (Fig.11).

Fig. 11 – Ciclo de Vida do Produto

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Marketing#Ciclo_de_Vida_do_Produto.2FServi.C3.A7o

O turista é elemento básico na configuração dos territórios turísticos. Por esse motivo, a identificação e a definição das fronteiras desse território tornam-se tarefa árdua, como afirma Rodrigues:

²⁰ Teoria de ciclo de vida de um produto desenvolvida por Kotler para análises de marketing. (KOTLER, 2000). Ver figura 11.

O espaço turístico não pode ser definido por fronteiras euclidianas, mesmo porque pelo menos um dos seus elementos básicos lhe é exterior – a demanda. Embora sem fronteiras definidas com base em alguns componentes ditos abstratos porque são difíceis de serem avaliados, tais como a fluidez do capital financeiro ou a influência da mídia na sua composição imagética, não se pode negar a concretude do espaço turístico expressa pelo seu território, que, todavia, não representa a totalidade espacial. (RODRIGUES, 2001: 45),

Podemos inferir, através das colocações dos autores acima, que o espaço geográfico se transforma em espaço turístico de forma dinâmica, e que o território turístico é a concretização física do espaço turístico. Essa transformação associa aspectos naturais e sociais. Dentre os aspectos humanos, sociais, destaca-se o papel econômico exercido pelo fluxo e pela concentração do capital.

1.5 A Cartografia do Turismo na Internet

Com o crescente uso e popularização do acesso à Internet, os mapas turísticos se tornaram um recurso informativo acessível às pessoas que planejam suas viagens, elaboram buscas sobre determinados lugares ou que simplesmente desejam informações de acesso atrativo e plantas das ruas. Um bom exemplo dessa popularização da consulta turística via Internet foi o que ocorreu na Holanda, no ano 2000, quase um quinto da população holandesa procurou por informações de viagens na Internet (BROWN, A., 2001).

As informações colhidas na Internet oferecem algumas vantagens como: constante atualização, possibilidade de customização²¹ da informação, possibilidade de salvar as informações em outros meios digitais portáteis como *Palms*, GPS ou *notebooks*.

Entre as vantagens do uso de mapas turísticos através da Internet, está o acesso fácil e rápido de qualquer ponto do planeta. O usuário pode acessar a informação que deseja através de qualquer microcomputador conectado à rede mundial, e esse acesso pode ser feito utilizando-se a linha telefônica fixa ou móvel, cabo, satélite ou microondas.

A informação contida nos sites de mapas pode oferecer *links* para reservas imediatas de vôos e hospedagem. Permite também modificar a escala do mapa, para o ponto de interesse do turista. Assim torna-se possível imprimir a parte que os interessa.

Os mapas turísticos oferecidos pela Internet podem ser classificados como: mapas estáticos, nos quais não há interação com o usuário, o mapa é apenas uma figura para ser vista como um mapa impresso; ou mapas dinâmicos, onde é possível a interação entre o usuário e o mapa, sendo possível ao clicar sobre o mapa aumentar ou diminuir a escala, selecionar partes específicas para obter mais detalhes ou mesmo ir para outras páginas nas quais a informação será mais detalhada, ou seja, há uma gama grande de interações entre o usuário e o mapa. (BROWN, A., 2001).

²¹ O interessando reproduz ou imprime apenas as informações que lhe interessam, criando um guia personalizado de informações turísticas.

Uma desvantagem dos mapas da Internet é a dificuldade de acesso em certas localidades, pois se um turista estiver em plena rua ou em zona de ecoturismo, dificilmente conseguirá um acesso à rede. Mas já existem tentativas de solucionar esse problema através dos *handhelds* ou computadores de mão, que já dispõem de mapas para *download*. Porém, há a possibilidade de os mapas serem consultados nos postos de informações turísticas, nos aeroportos, em *cyber-cafes*, em hotéis e pousadas, em várias cidades do Brasil e do mundo, seja no modo digital ou impresso.

Ao se construir mapas para a Internet, é necessário levar em consideração fatores como: tempo de *download* do mapa, simbologia usada (se icônica, abstrata ou associativa), facilidade de compreensão do internauta, interatividade, além da escala e da hierarquia visual dos elementos significantes do mapa. A vantagem dos mapas da Internet com relação à escala está na facilidade de se poder criar *links* ou janelas que melhoram o detalhamento de determinada área da representação.

Outro fator muito importante ao se produzir mapas para Internet é a criação dos ícones utilizados e a organização da legenda. Os ícones podem servir de *hyperlinks*²² ou não, mas isso precisa estar claro para o internauta.

A confecção de mapas para Internet é um novo desafio para a cartografia; há muito a ser feito, testado e descoberto, ainda.

Atualmente é possível encontrar na Internet sites de órgãos oficiais de turismo de diversos países, cidades e associações dedicados ao desenvolvimento de esportes e turismo, fator que torna a informação mais confiável para a pessoa interessada.

A difusão de mapas através da Internet mostra o impacto do desenvolvimento tecnológico na visualização cartográfica, como ressalta Matias: “O impacto do desenvolvimento tecnológico que facilita a visualização cartográfica fica cada vez mais claro na criação e difusão de novos produtos (Atlas eletrônicos, mapotecas digitais, etc...)”. (MATIAS, 2001: 86).

Acessando a Internet é possível encontrar desde mapas históricos até modernos atlas eletrônicos com informações atualizadas das cidades mundiais.

²² Acesso redirecionado a outras páginas.

Capítulo 2 - Os Mapas Turísticos

Consideramos pertinente para esta pesquisa a apresentação de alguns mapas turísticos, previamente selecionados, que apresentam elementos para subsidiar nossa discussão sobre a cartografia do turismo.

Podemos encontrar mapas turísticos de diversos tipos ao redor do mundo. Alguns utilizam prioritariamente os desenhos pictóricos tentando a aproximação máxima com a realidade observada, enquanto outros utilizam símbolos abstratos para representar os pontos de interesse turístico. Há também mapas que fazem uso de fotos e perspectivas.

Com exceção dos mapas derivados de guias rodoviários ou guias turísticos completos, como o *Guia Michelin*, a maioria dos mapas turísticos possui caráter promocional, e geralmente são mapas gratuitos/promocionais distribuídos em pontos turísticos de grande movimento. O objetivo desses mapas está voltado para a promoção do turismo local, muitas vezes em detrimento da qualidade da informação oferecida ao turista.

Os guias turísticos geralmente são formados por mapas de estradas, por atrativos turísticos, por plantas de ruas das principais cidades e por roteiros de passeios. Esses guias são utilizados atualmente por turistas do mundo inteiro. Sobre a origem desses guias, Matos esclarece: “Os guias, tal como os conhecemos hoje, parecem ter nascido nas primeiras décadas do séc. XIX, ligados com o desenvolvimento dos caminhos de ferro”. (MATOS, 2004).

O mapa 1 pertence ao *Guia Fique em São Paulo no Fim de Semana*. É um mapa do centro velho da cidade de São Paulo, o qual mostra as principais ruas do centro, seus prédios e praças, com uma numeração que se remete à página contendo roteiros turísticos. Esse mapa não possui escala nem coordenadas que possibilitem ao turista saber qual a distância a ser percorrida.

Centro Velho

Map showing streets and landmarks in Centro Velho. Streets include Av. São João, R. do Botafogo, Av. Ipiranga, R. Antônio de Godói, R. Cap. Salomão, R. São Bento, R. Miguel Couto, R. São Bento, R. da Quitanda, R. Direita, R. José Bonifácio, R. Benjamin Constant, R. Sen. Feijó, R. Riachuelo, R. Maria Paula, R. Vinte e Três de Maio, R. Formosa, R. Xavier de Toledo, R. Conselheiro Crispiano, R. Nova Barão, R. Marconi, R. Sete de Abril, R. Basílio da Gama, R. Dr. Bráulio Gomes, R. da Consolação, R. Boa Vista, R. General Carneiro, R. 25 de Março, R. Venceslau Brás, R. Roberto Simonssen, R. Br. de Paranaíplacaba, R. Quinto Bocaiuva, R. da Moura, R. do Comércio, R. Quinze de Novembro, Ladeira do Porto Geral, Lg. de São Bento, Vale do Anhangabaú, Vale do Chá, Praça da República, Praça da Bandeira, Praça da Sé, Pátio do Colégio, and Largo da Mamóia.

Landmarks include Praça da República, Praça da Bandeira, Praça da Sé, Pátio do Colégio, and Largo da Mamóia.

Numbered points of interest (1-14) are marked on the map.

Legend: 1-14: veja Roteiros, pág. 44

O mapa 2 apresentado faz parte do *Tourist Guide Michelin Netherlands*. O guia possui mapas de todas as cidades históricas da Holanda, assim como as atrações turísticas e as paisagens, contendo recomendações. O guia apresenta sempre a cidade em dois planos de mapas: o primeiro para uma visão geral da cidade, e o segundo em escala mais detalhada para o centro da cidade. Esse mapa apresenta um quadriculado em que são identificados pelos pares de letras (A,B,X,V) e números (1 ao 8). O mapa apresenta também na parte superior uma escala gráfica

de fácil leitura. Os símbolos existentes no mapa têm seu significado explicado na contracapa do guia, conforme a figura 12. As letras M e N em negrito localizam museus e monumentos históricos, respectivamente.

Mapa 2 – Maastricht – Holanda

Fonte: Tourist Guide. Netherlands: Watford Herts – U.K: Michelin, 1997.

Fig. 12 – Símbolos – *Guia Michelin* – Holanda

Key	
★★★	Worth a journey
★★	Worth a detour
★	Interesting
Tourism	
	Admission Times and Charges listed at the end of the guide
	Sightseeing route with departure point indicated
	Ecclesiastical building
	Synagogue – Mosque
	Building (with main entrance)
	Statue, small building
	Wayside cross
	Fountain
	Fortified walls – Tower – Town gate
	Visit if time permits
AZ B	Map co-ordinates locating sights
	Tourist information
	Castle, historic house – Ruins
	Dam – Factory or power station
	Fort – Cave
	Prehistoric site
	Viewing table – View
	Miscellaneous sight
Recreation	
	Racecourse
	Skating rink
	Outdoor or indoor swimming pool
	Marina, moorings
	Mountain refuge hut
	Overhead cable-car
	Tourist or steam railway
	Beginning of waymarked footpath
	Outdoor leisure park/centre
	Theme/Amusement park
	Wildlife/Safari park, zoo
	Gardens, park, arboretum
	Aviary, bird sanctuary
Additional symbols	
	Motorway (unclassified)
	Junction: complete, limited
	Pedestrian zone
	Unsuitable for traffic, street subject to restrictions
	Steps – Footpath
	Railway – Coach station
	Funicular – Rack-railway
	Tram – Metro station
Bert (R.)...	Main shopping street
	Post office – Telephone centre
	Covered market
	Police station (Gendarmerie) – Barracks
	Swing bridge
	Quarry – Mine
	Ferry (river and lake crossings)
	Ferry services: Passengers and cars
	Foot passengers only
	Access route number common to MICHELIN maps and town plans
Abbreviations	
G	Police station (Marechaussee)
H	Town hall (Stadhuis, raadhuis)
J	Law courts (Gerechtshof)
M	Museum (Museum)
P	Provincial council (Provinciehuys)
P	Provincial capital (Hoofdplaats province)
POL.	Police station (Politie)
T	Theatre (Schouwburg)
U	University (Universiteit)

Fonte: *Tourist Guide*. Netherlands: Watford Herts – U.K: Michelin, 1997.

O mapa 3 é um exemplo de mapa turístico que faz uso de símbolos pré-estabelecidos na sua representação. É uma reprodução parcial de um mapa da região da Bretanha, na França. O mapa apresenta uma descrição detalhada através de símbolos das principais vias de acesso e dos pontos de interesse turístico, assim como uma tabela de distância entre as cidades que constam no mapa.

[illegible]

49

Os desenhos são recursos utilizados pelos mapas turísticos que pretendem uma representação que se assemelha à realidade, como numa pintura. O mapa 4 apresenta o centro da estação de esqui canadense de Tremblant. É um mapa promocional oferecido pela Associação de Veraneio de Tremblant. Esse mapa não apresenta facilidades de localização para o turista como o sistema de quadrículas, as escala ou a localização de ruas. Sua função está baseada no desenho da paisagem local, servindo de estímulo à imagem turística que será formada pelo usuário do mapa.

Mapa 4 – Plan du Centre de Villégiature de Tremblant

Fonte: Association de Villégiature Tremblant, sem data.

Outros dois exemplos são dignos de nota pelo uso dos recursos pictóricos (mapa 5 e 6). O primeiro é o mapa turístico da cidade de Santo Antônio do Pinhal. Esse mapa apresenta os pontos de interesse numerados de 1 a 18, elencando-os no canto direito inferior do mapa. Não apresenta as distâncias entre os pontos, nem a escala, fatores que podem dificultar o planejamento do turista com relação às visitas.

Santo Antonio do Pinhal

MAPA TURÍSTICO

SUL DE MINAS

TRILHA DAS CRUZES

TAUBATÉ/VIA DÚTRA

Km 33

SP 123

SP 46

SP 50

RIBEIRÃO DA PRATA

PONTOS DE INTERESSE

1 Mirante N. S. Auxiliadora	7 R. Gov. Carvalho Pinto	13 Morro do Cruzeiro
2 Est. Eugenio Lefevre	8 Av. Antonio J. de Oliveira	14 Pico Agudo
3 Portal de entrada	9 Av. Min. Nelson Hungria	15 Igreja São Benedito
4 Fonte São Geraldo	10 Casa do Artesão	16 Clube Pinhalense
5 Fonte Santo Estevão	11 Igreja Matriz	17 Cachoeira do Lajeado
6 Fonte Santo Antonio	12 Rodoviária	18 Cachoeira do Cassununga

O mapa 6 é uma reprodução parcial de um mapa turístico da cidade do Rio de Janeiro. A parte da frente do mapa é composta por uma representação pictórica da cidade em visão oblíqua; no verso dele, encontramos mapas detalhados com nomes das ruas para os bairros do Leme, de Copacabana, do Leblon, de Ipanema e para o centro, além de fotos em correspondência aos números, os quais aparecem no círculo azul. Os números nos círculo amarelo correspondem a hotéis, e os vermelhos, a locais para compras. Os mapas também não apresentam escala.

coordenadas nem distâncias. Podemos apontar ainda uma relação de diversidade apresentada pelas cores utilizadas nos círculos com os números.

Mapa 6 – Rio de Janeiro

Fonte: Colormap Rio de Janeiro, Editora Céu Azul de Copacabana, sem data.

Existem mapas turísticos que fazem a junção dos elementos pictóricos e dos guias de ruas propriamente ditos, como nos dois mapas apresentados a seguir. O mapa 7 é uma reprodução parcial do mapa da cidade de Roma, e mostra as principais ruas da cidade assim como os pontos de interesse turístico em forma de desenhos e de números que são explicados no verso do mapa onde se encontra

também um esquema do metrô de Roma. Não apresenta escala nem coordenadas geográficas, mas apresenta um sistema de quadrículas para localização dos pontos turísticos.

Mapa 7 – Roma – Itália

Fonte: Palombi Editori e A & C, Roma, 2002.

O mapa 8 também faz uso de desenhos associados a uma quadrícula de guia de ruas; é uma reprodução parcial do mapa da cidade Buenos Aires. O mapa não mostra escala nem coordenadas geográficas. Suas referências turísticas são mostradas através de desenhos ou pontos de cores diferentes. Os pontos vermelhos simbolizam museus, os azuis, os parques, os de cor rosa, edifícios, os marrons, outros lugares de interesse.

Mapa 8 – Buenos Aires – Argentina

Fonte: Governo de Buenos Aires – Secr. de Turismo, *overprint* impressão, sem data.

Para finalizar, seguem dois exemplos de mapas turísticos diferentes: o primeiro (mapa 9) do parque temático *Disneyland* e o segundo do turismo no Brasil . O mapa da *Disneyland* revela o arranjo espacial de territórios apropriados pelo turismo que tentam reproduzir artificialmente lugares diversos. Apesar da sua artificialidade, esses parques também possuem seus mapas turísticos que facilitam sua visita.

Mapa 9 – Disneyland – EUA

Fonte: Disney, Amblin Entertainment, sem data.

Mapa 10 – Brasil – EMBRATUR

[illegible]

55

O mapa 10 é uma representação de inventário, apenas registra se existe ou não tal atividade nos estados. Não revela a informação da quantidade das atividades nem sua localização exata.

As quatro categorias de mapas turísticos mostrados acima, mapas que utilizam símbolos, mapas que utilizam desenhos, mapas de territórios criados artificialmente e mapas que provêm de planejamentos turísticos, não esgotam todas as possibilidades de representação turística em mapa, mas conseguem abranger a grande maioria das representações existentes.

Capítulo 3 – Proposta de Mapa Turístico para o Município de São Bento do Sapucaí – SP

A proposta de um mapa turístico para determinada área constitui a base da discussão teórico-metodológica da cartografia do turismo.

A escolha do município de São Bento do Sapucaí para estudo visando a elaboração de um mapa-teste se deu em função do processo de instalação do turismo na localidade; o turismo em São Bento do Sapucaí está em fase de consolidação e, em função da possibilidade de um mapeamento em campo.

O outro motivo que justifica a escolha da área citada é sua extensão territorial, passível de um tratamento cartográfico que dê chance a experimentar a elaboração de um mapa que envolva o raciocínio de síntese.

3.1. Caracterização do Município

Foto 1 – Vista panorâmica da cidade de São Bento do Sapucaí

Fonte: Prefeitura Municipal de São Bento do Sapucaí, 2003.

O município de São Bento do Sapucaí está situado no estado de São Paulo a aproximadamente 164 km da capital. Insere-se em toda sua extensão na Serra da Mantiqueira, fato que justifica o relevo montanhoso do município com altitudes

variando de 900m a 1800m. São Bento faz divisa com os municípios de Campos do Jordão a leste, Santo Antônio do Pinhal ao Sul e com o estado de Minas Gerais ao norte e ao oeste.

A cidade conta com uma área total de 279 km²²³, sendo predominantemente rural. Segundo a Lei Municipal nº 312, de 2 de outubro de 1978, é considerada área urbana apenas a parte referente à sede do município, perfazendo um total de 5,48 km²²⁴.

A estrutura de uso e ocupação do território está baseada predominantemente na pequena propriedade rural, a qual definiu a formação de pequenos núcleos de apoio às atividades rurais, isolados e independentes, dentro dos limites do próprio município. Esses pequenos núcleos – denominados “bairros rurais” – mantêm uma relação tênue com a sede municipal, dificultada principalmente pela distância e pela falta de transporte público²⁵.

A distância entre os bairros rurais e o centro urbano varia de 40 km (Baú de Cima e Campista) a 3 km (Jardins, Sítio e Monjolinho). Tal distanciamento, tanto físico-territorial como operacional, não permitiu o estabelecimento de uma rede urbana em que os serviços disponíveis se complementassem, mantendo os núcleos em quase absoluto isolamento.

Os acessos rodoviários da capital São Paulo a São Bento do Sapucaí podem ser feitos através das rodovias Presidente Dutra ou Carvalho Pinto, conforme figura 13.

23 O cadastro da Prefeitura Municipal utiliza o perímetro de 279 km², dado que consta da regulamentação da APA. Já para o IBGE, a área é de 252,2 km² e para o SEADE, de 257 km².

24 O perímetro de 5,48 km² foi calculado transferindo –se para o mapa da cidade os limites descritos na Lei Municipal nº312/78.

²⁵ (Prefeitura Municipal de São Bento do Sapucaí, Plano Diretor: 2005)

A cidade de São Bento do Sapucaí tem sua origem relacionada ao movimento dos bandeirantes no século XVIII, quando,, através do curso do Rio Sapucaí-Mirim que a cruza, era rota para alcançar as Minas Gerais. Sua formação também está atrelada ao desenvolvimento da cultura cafeeira no Vale do Paraíba, que ocorreu por volta do século XIX, estendendo-se em partes da Serra da Mantiqueira a caminho do sul de Minas Gerais.

O atual município surge do antigo povoado de São Bento do Sapucaí-Mirim criado a partir da doação de terras do casal José Pereira Alves e Ignez Leite de Toledo para a construção de uma capela em louvor a São Bento. Em 16 de agosto de 1832, o povoado que se ergueu ao redor da capela foi elevado a freguesia, em terras do município de Pindamonhangaba, passando a denominar-se “São Bento do Sapucaí-Mirim”. Essa data fixou-se como sendo a da fundação da cidade.

Em 1858, a freguesia foi elevada a vila, e em 1876, a Lei Provincial de nº 49 elevou-a a cidade, que passou a denominar-se finalmente “São Bento do Sapucaí”.

O atual município vizinho, Santo Antônio do Pinhal, pertenceu ao município de São Bento do Sapucaí, desde a sua criação em 1861 como freguesia até 1934,

quando foi transferido ao município de Campos do Jordão. De 1944 a 1959, o já distrito de Santo Antônio do Pinhal integra-se a São Bento do Sapucaí. Em 1959, o município de Santo Antônio do Pinhal é emancipado.

Em 1964, São Bento do Sapucaí recebeu o título de estância climática do Brasil, título que lhe foi conferido pelo governo estadual devido as suas condições naturais, favoráveis a um ambiente de qualidade. Nessa mesma época, foi construído o Hotel Estância, que passou a ser o referencial turístico da cidade, mas atualmente esse hotel encontra-se desativado (KERSUL, 2003).

O município de São Bento do Sapucaí apresenta características rurais, principalmente em bairros como Serrano e Quilombo, integrando as tradições, as crenças e os costumes à cultura local. Isso faz com que o seu território seja diferenciado daquele de Campos do Jordão, justamente pelo fato da manutenção dessa cultura, o que representa um potencial ao desenvolvimento do turismo rural.

São Bento do Sapucaí guarda muito de suas origens, tanto em remanescentes da arquitetura como no modo de vida dos habitantes, pautado na tradição rural. Como bem descreve Yázigi:

São Bento passa a idéia de um lugar simples, de pouco dinheiro, mas sem extremos de miséria. É um centro agrícola típico, que produz muito para si mesmo. Vive de pecuária, laticínios, umas poucas malharias e um turismo que se apresenta como alternativo a Campos do Jordão. Muitos jovens turistas deste último município vêm a São Bento do Sapucaí praticar esportes radicais: motocross, vôo livre, jipes de desafios *off-road* e caminhadas ou *trekking*. (YAZIGI, 2002: 105).

Construções como o Mercado Municipal, as fachadas de algumas casas diretamente sobre as calçadas e as igrejas que permanecem em posição de destaque na cidade, anunciando inclusive os falecimentos através de música fúnebre com sistema de som para toda a cidade, mostram vestígios de um Brasil distante das grandes aglomerações urbanas e da urbanização acelerada das grandes cidades.

Além dessas características que remontam ao tempo do café e às tradições rurais, São Bento possui uma paisagem privilegiada com seu relevo montanhoso, exibindo uma silhueta marcante, que pode ser percebida de qualquer ponto da cidade, além de suas cachoeiras e de áreas de matas naturais.

Em 1996, o município aderiu ao PNMT – Programa Nacional de Municipalização do Turismo, proposto pela EMBRATUR, e em 1999 recebeu o selo de Município Turístico. Desde então o município caminha para o desenvolvimento da atividade turística.

Atualmente São Bento do Sapucaí pertence à região administrativa de São José dos Campos. O Mapa 11 abaixo localiza o município de São Bento no estado de São Paulo, mostrando sua situação no contexto geográfico da região.

Mapa 11. Localização do município de São Bento do Sapucaí no Estado de São Paulo

O município de São Bento do Sapucaí está inserido, em toda sua extensão, dentro dos limites da APA Sapucaí-Mirim²⁶. Sua vegetação apresenta remanescentes de mata Atlântica, da mata de Araucárias e dos campos de altitude nas partes mais elevadas. A fauna é composta por animais silvestres de pequeno e médio porte (pacas, capivaras, tatus e gambás), além das aves. A gestão ambiental dessa APA é partilhada entre os governos de Minas Gerais e de São Paulo pela abrangência de municípios mineiros e paulistas. A APA Sapucaí-Mirim, juntamente com a APA de Campos de Jordão, corresponde a uma extensa área de proteção da Serra da Mantiqueira. (Secretaria do Meio Ambiente, 2001). (Fig.13).

²⁶Área de Proteção Ambiental Estadual criada pela Lei Estadual nº43.285 em 3 de Julho de 1998.

Fig.14 – APAS Sapucaí- Mirim e Campos do Jordão

Fonte: Atlas das Unidades de Conservação Ambiental do Estado de São Paulo – SMA – 1998

Secretaria do Estado do Meio Ambiente / Coordenadoria de Planejamento Ambiental

Aspectos Demográficos

São Bento do Sapucaí ainda hoje mantém sua característica predominantemente rural, diferenciando-se dos municípios vizinhos. Um pouco mais da metade (52%) de sua população encontra-se na zona rural, apesar de um sensível aumento da industrialização, como ocorre em todo o Vale do Paraíba. Muitos habitantes ainda se sustentam com a produção familiar.

Observando o movimento da população nas três últimas décadas, é possível verificar que, apesar do êxodo rural entre as décadas de 1980 e 1990, no ano de 2000 a evasão rural torna-ser mais discreta. (Tabela 1).

Há uma clara concentração da população na sede do município e uma redução do efetivo a partir do centro em direção às áreas mais afastadas. (Planta da cidade, p.62 e Tabela 2).

Tabela 1. Evolução da População de São Bento do Sapucaí (SP) – 1980/2004

Indicadores Demográficos	1980	1991	2000	2004
População	9.327	8.715	10.339	10.983
População Urbana	3.657	4.165	4.620	5.297
População Rural	5.670	4.550	5.719	5.686
Taxa de Urbanização (em %)	39,21	47,79	44,69	48,23
Densidade Demográfica (hab/km ²)	36	34	40	43
Taxa de Geométrica de Crescimento Anual (em % a.a.).	--	-0,62	1,92	1,52

Fonte: Fundação SEADE. PMSBS – Plano Diretor, 2005.

Ao crescimento populacional de São Bento do Sapucaí atrela-se a necessidade da criação e da manutenção de atividades econômicas com ênfase na produção rural.

O turismo rural²⁷ pode-se apresentar como uma alternativa para a geração de renda e de empregos nas comunidades rurais. (CRUZ, 2003)

²⁷ Turismo Rural – turismo relacionado às atividades agrárias, passadas e presentes, que conferem à paisagem sua fisionomia nitidamente rural. (RODRIGUES, 2001: 103).

Planta 1 . Município de São Bento do Sapucaí – Área Central

Tabela 2. **Distribuição da População nos Bairros – Município de São Bento do Sapucaí - 2000**

Bairro	População
Sede	3.110
Quilombo	618
Paio São Sebastião	563
Vila N. S. Aparecida	410
Campo Monteiro	326
Sítio	292
Pinheiros	285
Paio São Paulo	284
Serrano São José	268
Cantagalo	263
Paio Velho	261
Rancho Fundo	243
Campista	231
Serrano Rosa Mística	224
José da Rosa	218
Torto	213
Paio São Pedro	198
Bau de Cima	179
Monjolinho	144
Dias e Fervura	136
Morro Grande e Bau	135
Baixo	
Sagrada Família	134
(Serrano)	
Jangada	134
Bau do Centro	117
Bocaína	93
Pereiral	59
Urtiga	50
Village Serrano	42
Áreas	20
TOTAL	6140 habitantes

Fonte: Diagnóstico Participativo Local. PMSBS – Plano Diretor, 2005.

O Turismo na Economia Sambentista

O turismo como atividade econômica organizada faz uso tanto de objetos e de infra-estruturas criadas com outras finalidades que não a prática do turismo quanto de objetos criados para seu uso exclusivo, tornando-se agente condicionador da configuração territorial²⁸. (CRUZ, 2000).

Portanto, o turismo é uma atividade econômica, além de ser uma prática social, transformadora do território. No caso de São Bento, o turismo pode ser visto como alternativa viável para o desenvolvimento do município, mas para que isso ocorra, o planejamento e o investimento, assim como as políticas públicas, são imprescindíveis.

Apesar do aumento da taxa de urbanização do município de São Bento do Sapucaí, sua atividade econômica ainda está baseada predominantemente na atividade rural, seja ela de monocultura, principalmente da banana, ou de cultura variável em pequenas propriedades. (Tabela 4).

Quanto ao processo de urbanização, lembramos também que a “urbanização turística”²⁹ é uma expressão do fenômeno do turismo. No caso de São Bento, o processo de urbanização parece ser posterior ao turismo.

Considerando as fontes de turistificação apontadas por Knafou no capítulo 1 item 1.4, São Bento representaria um lugar eleito pelos próprios turistas, ou seja, um espaço de vocação turística.

Os setores de indústria, de comércio e de serviços, por sua vez, têm sofrido um decréscimo desde o ano de 2002. (Tabela 3).

A atividade pecuária, principalmente a criação de gado leiteiro e para abate, também movimenta a economia do município. Em 2003, o efetivo de bovinos era de 9.420 cabeças, sendo 1.000 cabeças/ano para abate e o restante para produção de leite e derivados. (KERSUL, 2003).

²⁸ “A configuração territorial é o território e mais o conjunto de objetos existentes sobre ele; objetos naturais ou objetos artificiais que a definem.” (SANTOS, 1996: 75).

²⁹ Corresponde às práticas de consumo atuais que relacionam tendências de consumo das grandes cidades com os remanescentes da cultura dos locais visitados, uma urbanização híbrida. (LUCHIARI, 1998).

Tabela 3. São Bento do Sapucaí – Número de Estabelecimentos – 2005

Setor/Ano	2002	2003	2004
Indústria	42	48	36
Comércio	268	322	275
Serviços	563	589	415

Fonte: Setor de Cadastro da Prefeitura Municipal. Plano Diretor Municipal: 2005.

Tabela 4. São Bento do Sapucaí – Principais Produtos Agrícolas - 2005

Prod. Agrícola	Área (em ha)	Produção Total
Banana	1.000	20.000t
Milho	600	3.000t
Feijão	400	800t
Batata	35	770t
Mandioquinha Salsa	120	2.400t
Batata Doce	100	1.500t
Abóbora	30	450t
Laranja	2.900 pés	7.250 cx
Laranja Poncã	2.700 pés	8.100 cx
Maracujá doce	200 pés	80t
Maracujá azedo	400 pés	420t
Caqui	400 pés	120t
Atemóia*	500 pés	10.000 frutas

Fonte: Casa da Agricultura de São Bento do Sapucaí – 2003. Plano Diretor Municipal: 2005.

*O cultivo da atemóia saltou para 10.500 pés neste ano de 2006. Um único produtor do bairro do Baú ampliou sua área de cultivo, totalizando 10.000 pés.

Com relação ao comércio, a Tabela 5 mostrou a importância crescente do turismo na economia sambentista, pois o maior número de estabelecimentos comerciais é o de pousadas e de hotéis.

Os estabelecimentos voltados ao turismo estão bem distribuídos entre as zonas urbana e rural, mostrando que o potencial turístico do município tem se desenvolvido tanto nas áreas urbanas como nas rurais. (Tabela 6).

Kersul³⁰ destaca a importância do desenvolvimento da atividade rural no território, enfatizando o turismo rural:

Fortalecer a atividade rural é imprescindível para o desenvolvimento do território, visto que o setor que desponta com maior dinamismo é o turismo, e um dos principais fatores de atratividade deste é a tranquilidade e a forma de vida simples que o produtor rural imprime à paisagem sambentista. A atividade rural ainda é familiar, mas a possibilidade de inserção dos mais jovens é extremamente débil, mesmo com nível de escolaridade bem maior que a dos pais, ainda assim não terão condições de concorrer com os raros empregos nos centros urbanos. A permanência da família é a alternativa mais viável. (KERSUL, 2003:12).

Na citação acima, a autora destaca a importância do desenvolvimento da atividade rural como vetor de crescimento econômico do território, como fonte de atração e fator de permanência dos jovens.

O desenvolvimento do território via turismo seria a sua forma de apropriação pelo turismo, transformando-o em território turístico.

³⁰ op. cit. p. 57.

Tabela 5. **Associados da ACISB - Associação Comercial e Industrial de São**

Bento do Sapucaí - 2005

Advogado	2
Automotivo	4
Cabeleireiro	2
Cartório	1
Clube	1
Contabilidade	3
Eletrônica	1
Escola	1
Fotógrafo	1
Funerária	1
Imobiliária	1
Mecânica	2
Seguros	1
Serraria	1
Academia	1
Açougue	3
Bar/Mercearia	5
Lanchonete	1
Mercado	2
Padaria	2
Restaurante	5
Sorveteria	2
Artesanato	4
Bazares	5
Hotéis/Pousadas	17
Mat. Construção	5
Móveis/Eletrrodomésticos	1
Roupas/Acessórios	9
Santa Casa	1
Farmácia	3
Bancos	3
Agropecuária	4
Total	95

.Fonte: Plano Diretor Municipal:2005.

Tabela 6. Estabelecimentos Voltados ao Turismo - 2005

ESTABELECIMENTOS	Zona urbana	Zona rural	TOTAL
Pousadas	13	07	20
Leitos	367	200 + 250*	817
Restaurantes	06	04	10
Assentos	321	212	533
Doceria/cafés	02	01	03
Artesanato/compras	03	02	05
Casas de temporada	08	06	14

* Acampamento Paiol Grande. Fonte: Plano Diretor Municipal: 2005.

Atrativos Turísticos de São Bento do Sapucaí

Considerando o turismo como uma prática social³¹, São Bento do Sapucaí reúne alguns dos atrativos turísticos contemporâneos, como a paisagem natural, a possibilidade de prática de esportes relacionados à montanha e à natureza, o artesanato e o modo de vida.

“A atratividade dos lugares (paisagens naturais ou construídas) precisa ser constantemente vendida, então, ela é constantemente recriada, ou melhor, padronizada em estilo, estética e atendimento”. (LUCHIARI, 1998: 34).

A atratividade dos objetos e lugares varia de acordo com a época, o lugar e a classe social. " Neste momento histórico, temos a valorização de determinados recursos naturais e culturais. Como vivemos hoje em um mundo globalizado (ainda que não sob todos os aspectos) e de gostos tendencialmente massificados, alguns recursos naturais e outros culturais, mais valorizados pela prática social do turismo do que outros, são tidos, de forma até estereotipada, como, atrativos turísticos.” (CRUZ, 2003: 9).

As paisagens naturais de São Bento, como montanhas, cachoeiras e matas, são utilizadas para a prática de esportes como *trekking* (caminhadas na mata ou na

³¹ Conceito apresentado na página 5 da Introdução deste trabalho.

montanha); *mountain bike* (circuitos feitos com bicicletas nas matas e nas montanhas); *canyoning* ou *rapel* (escaladas em cachoeiras); arborismo (subida à copa de árvores com auxílio de cordas, de pontes e de cabos de aço), escaladas, montanhismo (travessia de montanhas) e vôo livre (asa delta, parapente).

Foto 2 – Cachoeira do Toldi

Crédito: do autor, 2005.

Foto 3 – Cachoeira dos Amores

Crédito: do autor, 2005.

O artesanato também é um atrativo turístico explorado em São Bento do Sapucaí. A Casa do Artesão, na região central da cidade, expõe os trabalhos de diversos artistas. No bairro do Quilombo é possível encontrar o artesanato produzido por moradores do bairro e também as esculturas em madeira do escultor Ditinho Joana.

Foto 4 – Bairro do Quilombo

Crédito: do autor, 2005.

Nos bairros rurais, como Serrano e do Paiol, é possível encontrar pousadas, fazendas e apiários que ressaltam o modo de vida rural.

Segundo Sirgado: “A revalorização turística da ruralidade e do ambiente é uma resultante desse divórcio forçado entre homem e natureza envolvente, entre o construído e o natural, entre a agitação e a tranquilidade, entre o urbano e o rural, entre as massas e o indivíduo”. (SIRGADO, 2001: 78).

A junção da ruralidade de São Bento com suas características naturais que possibilitam a prática dos esportes de aventura descritos traduzem o potencial turístico do município.

O turismo rural no Brasil apresenta características específicas, conforme notado por Sirgado: “[...] o próprio conceito de turismo rural tem, no Brasil, um sentido mais abrangente, envolvendo a fruição dos recursos rurais e as atividades

esportivas ecológicas, bem como a dimensão relativamente intangível da cultura e modo de vida das Comunidades Rurais e/ou de Montanha". ³²

Com relação às políticas públicas para o desenvolvimento do turismo rural no Brasil, temos inseridas no Plano Nacional de Turismo 2003-2007 as Diretrizes para o Desenvolvimento do Turismo Rural no Brasil ³³.

Vemos então que na esfera pública o turismo rural é visto como possível vetor de desenvolvimento sustentável, pois congrega a manutenção das atividades agropecuárias e a preservação dos patrimônios naturais e culturais.

³² op. cit.

³³ Este documento tem como base a valorização da ruralidade, a conservação do meio ambiente, os anseios socioeconômicos dos envolvidos e a articulação interinstitucional e intersetorial, definindo algumas ações norteadoras para o envolvimento do poder público, da iniciativa privada, das organizações não governamentais e das comunidades. (EMBRATUR, 2004:3).

3.2. A Elaboração de Mapas Turísticos

Entendemos que a cartografia temática vai além da simples localização dos fenômenos. Ela é resultado de um processo de investigação científica específica acerca de uma área selecionada.

Os territórios turísticos podem ser representados em mapas analíticos³⁴ ou de síntese. Podem ser mapas voltados ao turista na fruição e na preservação desse território, ou voltados ao seu planejamento.

Como vimos no capítulo 2, muitas variações nas representações do território turístico em geral têm como função básica o registro de pontos de interesse e itinerários. Fazem exceção àqueles mapas voltados ao planejamento do território que têm por objetivo destacar os usos turísticos potenciais para um determinado território e toda orientação para seu uso sustentável.

Portanto, dentro das bases teórico-metodológicas apresentadas no capítulo 1, o mapa turístico é um mapa temático resultante de um processo de investigação científica que tem na representação gráfica a base para elaboração do seu produto final.

Os mapas turísticos feitos para a área-teste escolhida representam as duas categorias de mapas acima descritos: um mapa analítico, contendo a localização dos atrativos turísticos, e um mapa-síntese, que apresenta uma proposta de regionalização³⁵ do território turístico de São Bento do Sapucaí.

3.2.1. Mapas Temáticos Analíticos

Os mapas analíticos em cartografia trazem a visualização dos dados justapostos, expressando fenômenos qualitativos ordenados ou quantitativos. Podem abordá-los, também, de forma estática ou dinâmica.

Para a elaboração dos mapas turísticos propostos na pesquisa, foram utilizados os seguintes mapas abordagens analíticas: mapa do relevo, mapa do uso

³⁴ Representam apenas um dado da realidade na forma de inventário como, por exemplo, o mapa topográfico.

³⁵ Divisão do município em setores com características fisionômicas semelhantes.

da terra, mapa turístico ilustrativo e imagem de satélite. (mapas 13, 14, 15 e Imagem 1).

O mapa do relevo do município foi feito a partir do mapa topográfico de São Bento do Sapucaí, na escala 1:50.000, ano 1995 do Instituto Geográfico Cartográfico, de onde foram extraídas as curvas de nível (com eqüidistância de 100m), a rede viária e a hidrografia principal.

Em sua elaboração do mapa de relevo, foram estabelecidas seis classes de altitudes, as quais foram atribuídas cores, obedecendo a uma ordem visual crescente para expor o aumento da altitude. Para esse fim, as cores estabelecidas partiram do amarelo, passando pelo ocre claro e pelo laranja para chegar ao marrom, o qual define as altitudes mais elevadas do relevo do município.³⁶

O mapa de uso da terra foi elaborado a partir da imagem de satélite de São Bento do Sapucaí, para o qual foram estabelecidos três tipos de uso da terra: uso rural para culturas em geral, uso urbano e mata para áreas de preservação, reflorestamento e remanescentes de florestas subtropicais. O método utilizado para a classificação do uso da terra foi o modo automático de classificação por amostragem do software Ilwis 3.2.

A imagem de satélite utilizada foi a Imagem Landsat bandas 1, 2, 4, 5 e 7 datadas de junho de 2000. A escolha das bandas utilizadas foi feita através do resultado visual apresentando, foi escolhida a combinação de bandas que apresentou um melhor resultado para visualização das feições do relevo do município de São Bento do Sapucaí.

O mapa temático de atrativos turísticos foi feito a partir da localização dos atrativos com uso de um GPS³⁷ em campo. Foram selecionados os atrativos que mais apareciam nos guias locais, para representação em mapa; não houve a pretensão de realizar um inventário dos atrativos existentes no território estudado, o qual demandaria outro tipo de levantamento.

³⁶ Os mapas de relevo e de atrativos turísticos foram elaborados com a utilização do software AUTOCADMAP e CADOVERLAY.

³⁷ O GPS usado foi o Garmin E-Trex Legend, que forneceu dados precisos da localização dos atrativos turísticos em coordenadas UTM, fato que permitiu o posicionamento dos atrativos sobre o mapa.

Os atrativos no mapa turístico foram representados por símbolos diferentes. Os símbolos selecionados possuem, em seu conjunto, igual valor visual, todos de um mesmo tamanho e contornados por um quadrado, variando internamente por um símbolo iconográfico³⁸. (mapa 12).

De modo a compor uma diretriz que facilitasse a leitura do mapa pelo usuário, a legenda foi estruturada em dois níveis: um abordando o relevo, através de uma legenda que transcreve a relação de ordem mediante as cores e outro, focalizando o tipo de atrativo, com uma legenda que mostra a relação de diversidade através de símbolos distintos, na forma de desenhos iconográficos.

A relação de diversidade e de localização dos atrativos turísticos pode ser vista pelo leitor do mapa num primeiro instante de percepção, pois seus símbolos estão dispostos diretamente sobre sua localização, fornecendo assim a informação necessária para a respectiva fruição.

³⁸ Símbolos propostos pelo Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR) – Ministério do Turismo Brasil.
<http://institucional.turismo.gov.br/sinalizacao/conteudo/principal.html>

Mapa 12

Mapa 13 – Mapa Relevo – São Bento do Sapucaí

3.2.2. Mapa de Síntese

A concepção do mapa das Unidades de Potencial Turístico para o município de São Bento do Sapucaí foi feita através de um raciocínio de síntese. (Mapa 16).

Portanto, as unidades representadas neste mapa são o resultado do agrupamento de lugares caracterizados por agrupamentos de atributos. (MARTINELLI, 2001b).

Este mapa apresenta um conteúdo que poderá ser usado para o planejamento e a promoção do território turístico, traçando linhas-mestras para seu aproveitamento, dentro de um desenvolvimento sustentável.

A caracterização das unidades de potencial turístico levou em consideração a realidade ambiental e social do município de São Bento do Sapucaí.

A expressão da realidade concreta do território estudado no mapa em questão resulta da interação de componentes naturais e sociais; portanto, o raciocínio de síntese deve envolver elementos como aspectos morfológicos do relevo, vegetação, hidrografia, uso da terra e, no caso do turismo, a concepção turística, ou imagem turística, do território. Todos os temas foram expressos em mapas temáticos.

Através do cruzamento de dados dos mapas temáticos e do estudo em campo, foi possível estabelecer mediante um raciocínio de síntese, a conjugação dos aspectos relevantes ao turismo do território estudado. (Mapas 12,13, 14, 15 e imagem 1).

Num primeiro nível hierárquico da cartografia de síntese, o conhecimento morfológico foi considerado fundamental. Para tanto, o mapa do relevo, a imagem de satélite e as observações de campo apresentaram o aspecto das formas que compõem o território. Essa composição permitiu estabelecer quatro grandes unidades, articulando-se no município da seguinte forma: (mapa 16)

1. Setor Norte - Bocaína – é possível destacar a cobertura vegetal com vegetação secundária e alguns remanescentes de araucárias; nessa porção, o acesso rodoviário é mais restrito, pois não há muitas estradas ou rodovias servindo esse território. Sua paisagem é marcada pela existência de altos cumes e relevo montanhoso,

possibilitando atividades como montanhismo, caminhadas e *camping*.

2. Setor Oeste - Vale do Serrano – corresponde a uma porção do território composta por sítios, fazendas, apiários, pousadas e chalés, onde a paisagem predominante é de vegetação secundária com pequenos remanescentes de florestas de araucárias.
3. Setor Centro-Leste do Paiol Grande – inclui a área urbana. É composto por terrenos de altas altitudes, de cachoeiras, de florestas subtropicais e de araucárias, por campos de altitude e por relevo montanhoso, podendo ser bem aproveitado para o desenvolvimento de esportes praticados ao ar livre. Ainda nesse setor encontra-se o Complexo do Baú, formado por um conjunto de afloramentos rochosos com formas exóticas que possibilitam a prática da escalada.
4. Setor Sul - Vale do Baú – porção territorial do ribeirão do Baú, onde é possível encontrar sítios, chácaras e algumas pousadas, assim como áreas com vegetação secundária, pastagens e núcleos residuais de araucárias.

Num segundo nível hierárquico, consideramos como definidores das unidades espaciais de síntese, os aspectos do uso do território pela sociedade e suas tendências. Os conteúdos dos mapas temáticos de uso da terra e de atrativos turísticos forneceram a base para a elaboração de uma classificação das possíveis potencialidades turísticas do território. Foram definidas as seguintes potencialidades para o município:

1. Áreas com potencial para desenvolvimento do Turismo Rural: como fazendas, apiários, chácaras e sítios com culturas orgânicas, pousadas e chalés, com apelo ao modo de vida rural.
2. Áreas com potencial para desenvolvimento do Ecoturismo ou turismo de aventura, onde os recursos naturais como matas, cachoeiras, rios, ribeirões e montanhas servem como matéria-prima para o desenvolvimento das práticas turísticas de aventura.

3. O núcleo urbano e apêndices periféricos: foram destacados como áreas com potencial para desenvolvimento do turismo histórico-cultural, composto por igrejas, casas, pousadas e o próprio conjunto arquitetônico da cidade.
4. O Complexo da Pedra do Baú: foi apontado como detentor de um potencial para a prática de esportes de montanha, como escaladas e montanhismo, permitindo também as atividades de vôo livre.

O mapa de Unidades de Potencial Turístico apresenta, em dois níveis taxonômicos, o resultado do processo científico investigativo realizado nessa pesquisa, para sua efetivação. Para a sua elaboração, foi necessário alinhar tanto os conhecimentos empreendidos como, a observação de campo, a lucubração acerca do turismo e da geografia, além de colocar em prática as diretrizes da representação gráfica.

Por fim o mapa elaborado permite ao mesmo tempo delinear as diversas paisagens do território e repensar o uso dessas paisagens de forma turística, tendo em mente um desenvolvimento sustentável para a comunidade do município.

Mapa 14 – Mapa de Uso do Solo – São Bento do Sapucaí

Mapa 15 – Mapa Turístico Ilustrativo – São Bento do Sapucaí

Fonte: Pref. Munic. de S. Bento do Sapucaí, autor desconhecido

Imagem 1 – Município de São Bento do Sapucaí

Mapa 16 – Mapa de Unidades de Potencial Turístico – São Bento do Sapucaí

Mapa 16

SÃO BENTO DO SAPUCAÍ - UNIDADES DE POTENCIAL TURÍSTICO

3.3. O Território Turístico em Outras Formas de Representação

O território turístico pode ser representado por diversas formas, como descrito no capítulo 2.

Apresentaremos aqui propostas de representação do território turístico que não utilizam o apoio do plano cartesiano, como nos mapas cartográficos fato que permite ao observador diferentes ângulos de visão do território.

As representações apresentadas a seguir foram realizadas utilizando o módulo *Spatial Analyst* do software “Arcview”. O resultado foi um mapa do município de São Bento do Sapucaí em perspectiva, que pode ser apreciado em diferentes ângulos de visada, segundo a regulagem desse parâmetro de controle.

A figura 15 representa o município com o norte localizado voltado para cima, ou seja, com a mesma visão característica de todos os mapas do município apresentados até o momento. Por se tratar de uma representação fora dos moldes cartográficos, esse modelo tridimensional deixa de apresentar o sistema de coordenadas e escala, por não apresentarem a devida precisão.

O software utilizado permite a visão de diferentes ângulos do modelo. A figura 16 mostra o município em seu volume estivesse por sobre plano, como na fotografia de uma maquete. Esses modelos apresentados são propostas que podem ser sempre re-elaboradas, facilitando o conhecimento do território turístico e tornando sua representação cada vez mais eloqüente, aproximando a realidade do grande público, que muitas vezes carece da habilidade de se localizar e se orientar através de mapas.

Essa versatilidade na representação do território turístico mostra que existem tantos mapas turísticos quantas forem as formas de interpretação da realidade feitas pelos seus autores.

Fig. 15 – Município de São Bento do Sapucaí em Perspectiva 1

Fig.15 - Município de São Bento do Sapucaí em perspectiva - 1

Fig. 16 – Município de São Bento do Sapucaí em Perspectiva 2

Fig.16 - Município de São Bento do Sapucaí em perspectiva - 2

A letra "N" refere-se ao Norte da figura

Considerações Finais

A cartografia do turismo faz parte do conjunto de representações gráficas que compõem a cartografia temática. Apesar de muitas vezes os mapas produzidos por essa cartografia perderem o sentido geográfico, seu formalismo e seu compromisso com a representação do território, tornando-se apenas peças promocionais, nada nos impede dizer que é um tipo de cartografia temática a qual se destaca pelo acesso a um grande contingente de pessoas.

As possibilidades de representações gráficas em forma de mapa para o turismo não se esgotam, pelo contrário, a cada dia surgem novas formas de elaboração de mapas ou de modelos, apoiados no uso da informática e no domínio da tecnologia disponível.

O papel da geografia e, sobretudo, da cartografia temática na elaboração de representações acessíveis e esclarecedoras a respeito da dinâmica do território turístico fica evidenciado nas representações gráficas do turismo.

A construção do mapa das Unidades de Potencial Turístico permitiu a mobilização de todo um arcabouço teórico-metodológico construído ao longo da elaboração desta dissertação, mostrando o resultado dos possíveis entrelaçamentos da cartografia com a geografia do turismo. A proposta de divisão em setores do território turístico apresentada pelo mapa de síntese das Unidades de Potencial Turístico abarcou os conceitos adquiridos, os quais foram colocados em prática tanto na representação gráfica quanto na elaboração da legenda. A cartografia de síntese nos permitiu congrega, numa concepção holística, elementos naturais e sociais, componentes indispensáveis para a discussão da formação do território turístico.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, José V. **Turismo: Fundamentos e Dimensões**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1997, 215p.
- ANDRADE, Manuel C. de. **Uma Geografia para o Século XXI**. 5ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2004, 112p.
- AKERMAN, James R. American Promotional Road Mapping in the Twentieth Century
In: **Cartographic and Geographic Information Science**. Vol.29, Nº 3, p. 175-192, July 2002.
- ARCHELA, Rosely Sampaio. **Análise da Cartografia Brasileira**: Bibliografia da Cartografia na Geografia no Período de 1935-1997. Tese (doutorado em geografia humana) – Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 2000.
- BENI, Mário C. **Globalização do Turismo – Megatendências do Setor e a Realidade Brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Aleph, 2003, 208p.
- BERTIN, Jacques. **Semiologie Graphique: Lês Diagrammes – Les Réseaux – Les Cartes**. Paris: Mouton, 1967, 427p.
- BOYER, Marc. **História do Turismo de Massa**. Trad: Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2003,170p.
- BROWN , Lloyd A. The Story of Maps. Boston, USA: Little Brown and Co, 1949. 397p.
- BROWN, Allan. EMMER, Nicoline. WORN, Jeroen. Cartographic Design and Production in the Internet Era: The Example of Tourist Web Maps. In: **The Cartographic Journal**. Vol. 38, Nº 1, p. 61-72, June 2001
- CAVACO, Carminda. O mundo rural português: desafios e futuros. In: RODRIGUES, Adyr B. **Turismo Rural**. São Paulo: Contexto, 2001. p.15-34.
- CAPDEVILA SUBIRANA, J.Thrower, N.J.W. Mapas y civilización: História de la cartografia en su contexto cultural y social. Biblio 3W. In: **Revista Bibliográfica de Geografia y Ciências Sociales**, Universidad de Barcelona, Vol. VII, nº 413, nov/02. <http://www.ub.es/geocrit/b3w-413.htm>

- CARLOS, Ana Fani A. O consumo do espaço. In: CARLOS, Ana Fani A. **Novos caminhos da geografia**. São Paulo: Contexto, 1999.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajetórias Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. 304p.
- CRUZ, Rita de Cássia A. **Turismo e Impacto em Ambientes Costeiros: Projeto Parque das Dunas – Via Costeira, Natal (RN)**. Dissertação (mestrado em geografia humana) – Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1995.
- _____. **Política de turismo e território**. São Paulo: Contexto, 2000. 167p. (Coleção Turismo).
- _____. Políticas de Turismo e Construção do Espaço Turístico-Litorâneo no Nordeste do Brasil. In: LEMOS, Amália Inês G. 3ª ed. **Turismo: impactos socioambientais**. São Paulo: Hucitec, 2001b, p.263-272.
- _____. **Introdução à Geografia do Turismo**. São Paulo: Roca, 2001. 107p.
- _____. **Introdução à Geografia do Turismo**. 2ª ed. São Paulo: Roca, 2003. 125p.
- ECO, Umberto. **Viagem na Irrealidade Cotidiana**. Trad: Aurora F. Bernardi e Homero F. de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, 353p.
- _____. **Como se faz uma tese**. 18ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2003. 170p.
- EMBRATUR. **Conta Satélite do Turismo no Brasil**. Ministério do Turismo, 1999.
- FENNELL, David A. **Ecoturismo: uma introdução**. Tradução Inês Lohbauer. São Paulo: Contexto, 2002. (Coleção Turismo Contexto). 281p.
- FIORI, Sergio R. **Mapas Turísticos**. Dissertação (mestrado em geografia humana) – Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 2003.
- FOURNIER, Jérôme. A Natureza da Geografia e a Geografia da Natureza. In: **Boletim Paulista de Geografia**, nº 78, Dez/2001, p. 97-120.
- FRUGOLI Jr, Heitor. **Consultoria para o Projeto de Elaboração do Plano Diretor para o Município de São Bento do Sapucaí**. São Bento do Sapucaí – SP, 2003. 65p. (Grupo de trabalho Técnico: pesquisa da situação sociocultural da comunidade e de atores sociais da cidade).
- GIRARDI, Gisele. **Cartografia Geográfica: Considerações Críticas e Proposta para Ressignificação de Práticas Cartográficas na Formação do Profissional em**

- Geografia. Tese (doutorado em geografia humana) – Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 2003.
- GLEY, Werner. Mapas Turísticos. In **Boletim Geográfico**. Rio de Janeiro, v.20, n.169,p 388-389, jul/ago. 1962.
- GOMES, Paulo César da C. O conceito de região e sua discussão. In:CASTRO, I.E.; GOMES, P.C. da C.; CORREA, R. L. **Geografia: conceitos e temas**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Betrand Brasil, 2003. 352p.
- GUEDES, Max J. A cartografia fazendo história. In: **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, v.15, n° 86, p. 92-99, nov/dez, 1992.
- GRELOT, Jean P. Os Agrimensores do Espaço. In **O Correio da Unesco**, ano 19, n°8,ago,1991
- HARLEY, J.B ; WOODWARD, D. **The History of Cartography**. Vol.1. Chicago: The University of Chicago Press, 1987. 599p.
- JOLY, Fernand. **A cartografia**. Trad: Tânia Pellegrini. Campinas, SP: Papius, 1990, 136p.
- KERSUL, Maristela. **Turismo e desenvolvimento Local: Turismo Rural como Atividade Complementar a Agropecuária em São Bento do Sapucaí – São Paulo – Brasil**. Projeto Final. Organização Mundial do Trabalho, 2003. 25p.
- KNAFOU, Remy. Turismo e Território: Por uma Abordagem Científica do Turismo. In: RODRIGUES, Adyr A. B. **Turismo e Geografia: Reflexões Teóricas e Enfoques Regionais** . São Paulo: HUCITEC, 1996, 274p.
- KOTLER, Philip. **Administração de Marketing: a edição do novo milênio**. São Paulo:Prentice Hall, 2000. 764p.
- IBGE , **Censo Demográfico** – 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000.
- IBGE, **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**, V. XXX: 1958.
- LACOSTE, Yves. Os Objetos Geográficos. Trad: Margarida M. de Andrade In: **Seleção de Textos 18: Cartografia Temática**. São Paulo: AGB, 1988. p.1-16
- LACOSTE, Yves. **A Geografia – Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Trad: Maria Cecília França. Campinas: Papius, 1997. 4ª ed. 263p.
- LOZATO-GIOTART, Jean Pierre. **Géographie du Tourisme: de l'espace regardé à l'espace consommé**. 3º édition. Paris: Masson, 1990. 237p.

- LUCHIARI, M^a Tereza D. P. A (Re)significação da Paisagem no Período Contemporâneo. In: ROSENDAHL, Zeny; CORREA, Roberto L. **Paisagem, Imaginário e Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p.9-28.
- _____. Urbanização Turística – um novo nexos entre o lugar e o mundo. In LIMA, Luiz C.(org). **Da cidade ao campo: a diversidade do saber fazer turístico**. Fortaleza, UECE, 1998, p.15-29.
- LIBAULT, André. **Geocartografia**. São Paulo: Ed. Nacional, Ed. da Universidade de São Paulo, 1975, 388p.
- MACACHREN; D.R. Fraser Taylor. **Visualization in modern cartography**. Oxford, U.K.; New York : Pergamon, 1994, 345p.
- MARTINELLI, Marcello; PEDROTTI, Franco. A das unidades de paisagem: Questões metodológicas. In: **Revista do Departamento de Geografia**. São Paulo:14:39-46, 2001a.
- MARTINELLI, Marcello. **Mapas da Geografia e Cartografia Temática**. São Paulo: Contexto, 2003a, 112p.
- _____. **Curso de Cartografia Temática**. São Paulo: Contexto, 1991.
- _____. **Cartografia Temática: Caderno de Mapas**. São Paulo: Edusp, 2003b, 160p. 180p.
- _____. Cartografia Ambiental: uma cartografia diferente?. In: **Revista do Departamento de Geografia**. São Paulo:7:61-80, 1994.
- _____. Cartografia do Turismo: Que Cartografia é essa? In Lemos, A. I. G., Org. **Turismo: Impactos Socioambientais**. São Paulo : Hucitec, 1996, p.296-302.
- _____. Cartografia do Turismo e imaginário. In: RODRIGUES, Adyr B. **Turismo Rural**. São Paulo: Contexto, 2001. p.151-170.
- MATIAS, Lindon F. **Sistema de Informações Geográficas (SIG)**: Teoria e método para representação do espaço geográfico. 313p. Tese (doutorado em geografia humana) – Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 2001.
- MATOS, Ana C.; SANTOS, Maria Luísa F.N. Os Guias de Turismo e a Emergência do Turismo Contemporâneo em Portugal (do século XIX às Primeiras décadas do século XX). In **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**.

Universidad de Barcelona. Vol. VIII, nº 167, 15 de junio de 2004. site:
<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-167.htm>

MEGALE, Januário F. (org.). **Max Sorre: Geografia**. São Paulo: Ática, 1984. 192p.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Os “Usos” Culturais da Cultura: Contribuição para crítica das práticas e políticas culturais. In YÁZIGI, Eduardo. **Turismo, Espaço, Paisagem e Cultura**. São Paulo: HUCITEC, 1996, 241p.

MOLINA, Sergio. **Planificacion integral del turismo: un enfoque para latinoamerica**. Mexico:Trillas, 1999, 104p.

MORAES, Antonio C.R; COSTA, Wanderley M. da. **Geografia Crítica: A Valorização do Espaço**. 4ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1999, 196p.

MORAES, Antonio C.R. (org). **Ratzel: Geografia**. São Paulo: Ática, 1990. 199p.

_____. **Ideologias Geográficas**. São Paulo: HUCITEC, 1991, 156p.

_____. **Geografia: Pequena História Crítica**. 13ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1994, 138p.

_____. **Território e História no Brasil**. São Paulo: HUCITEC, 2002, 198p.

NOVO, Evelyn M. L.de M. **Sensoriamento Remoto: Princípios e Aplicações**. 2ªed. São Paulo: Edgard Blücher, 1992. 308p.

OLIVEIRA, Marco Aurélio A de. **Teorias, Mapas e Viagens**. Dissertação (mestrado em geografia humana) – Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 2002.

PELLEGRINI, Américo Filho. **Ecologia, cultura e turismo**. Campinas, SP: Papirus, 1993. (Coleção Turismo)

PUBLIFOLHA. **Guia Fique em São Paulo no Fim de Semana**. São Paulo: Publifolha: AF Comunicações, 2001. 200p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO BENTO DO SAPUCAÍ. **Plano Diretor Municipal**. São Bento do Sapucaí, SP, 2005.

QUEIROZ, Denise R. E. A Semiologia e a Cartografia Temática In **Boletim de Geografia**, ano 18, nº1, 2000, Universidade Estadual de Maringá-PR, p.121-127.

RAIZ, Erwin J. **Cartografia General**. 5ª ed. Barcelona: Ediciones Omega, 1974, 436p.

- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 2006.435p.
- ROBINSON, Arthur H. **Elements of cartography**. 3ªed. USA: John Wiley & Sons, 1960.343p.
- RODRIGUES, Adyr A. B. Geografia e Turismo - Notas Introdutórias. In **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo, 6:71-82, 1992.
- _____. **Águas de São Pedro - Estância Paulista. Uma contribuição à geografia da recreação**. p. Tese (doutorado em geografia humana) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1985.
- _____. (org.). **Turismo Rural**. São Paulo: CONTEXTO, 2001, 170p.
- _____. (org.). **Turismo e Geografia: Reflexões teóricas e Enfoques Regionais**. São Paulo: HUCITEC, 1996, 274p.
- _____. **Turismo e Espaço. Rumo a um Conhecimento Transdisciplinar**. 3ª ed. São Paulo: HUCITEC, 2001, 158p.
- SÁ, Alba Lúcia Rodríguez da S. M. De. **São Bento do Sapucaí: a formação de uma localidade turística**. Dissertação (mestrado em turismo) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2002.
- SALICHTCHEV, K.A. Algumas reflexões sobre o objeto e método da cartografia depois da sexta Conferência Cartográfica Internacional. Trad: Regina Vasconcellos In: **Seleção de Textos 18: Cartografia Temática**. São Paulo: AGB, 1988. p.17-23.
- SANTOS, Milton. **Técnica Espaço Tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: HUCITEC, 1994, 190p.
- _____. **Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia**. 4ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1996, 124p.
- _____. **Espaço & Método**. 4ª ed. São Paulo: NOBEL, 1997a, 88p.
- _____. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 2ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1997b, 308p.
- _____. **Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. São Paulo: EDUSP, 2002. (Coleção Milton Santos;2), 285p.

- SANTOS, Milton; SILVEIRA, María L. **O Brasil: Território e Sociedade no Início do Século XXI**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004, 473p.
- SEBRAE; INTELECTA. **Novos Rumos para o Vale do Paraíba e Litoral Norte do Estado de São Paulo**: A visão dos Empresários, Políticos e Técnicos. São Paulo, 1994.
- SIRGADO, José Rafael. Espaço Turístico e Desenvolvimento no Cone Leste Paulista. In: RODRIGUES, Adyr B. **Turismo Rural**. São Paulo: Contexto, 2001. p.69-100.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **Introdução à Geografia: Geografia e Ideologia**. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 1989, 135p.
- URRY, John. **O olhar do turista**. São Paulo: STUDIO NOBEL, 1990, 231p.
- VALENTIM, Carlos Manuel. Ptolomeu IN “Navegações Portuguesas”. Instituto Camões: 2003. <http://www.institutocamoes.pt/cvc/navegaort/b12.html>
- YÁZIGI, Eduardo. **A alma do lugar: Turismo, Planejamento e Cotidiano em Litorais e Montanhas**. São Paulo: Contexto, 2001.301p.
- _____ (org.) **Turismo e Paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002.226p.

Acesso a websites:

EMBRATUR :www.embratur.gov.br acessado em 27/08/2003

OMT: www.world-tourism.org.br acessado em 27/08/2003.

SEADE – www.seade.gov.br - perfil histórico do município de São Bento do Sapucaí, acessado em 27/08/2004.